

os miseráveis

victor hugo

Tradução de Amigos do Livro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÍNDICE

Primeira Parte – Jean Valjean e Fantine	11
I Madeleine	12
II O tio Fauchelevent	16
 Segunda Parte – Cosette	 25
I O campo de batalha de Waterloo	25
II O número 24 601 transforma-se no número 9430	30
III A taberna Thénardier	34
IV Cosette e o desconhecido	42
V Um pobre que talvez seja rico	52
VI Quem procura o melhor pode encontrar o pior	
– Thénardier em ação	65
VII Mestre Gorbeau	75
VIII Os ziguezagues da estratégia	84
IX O que seria impossível com a iluminação a gás	91
X Onde se explica como Javert fez uma batida	
e não encontrou caça	101
XI Os cemitérios aceitam o que lhes dão	106
XII Não basta ser bêbedo para ser imortal	125
XIII Interrogatório bem-sucedido	136
 Terceira Parte – Marius	 145
I Gavroche	145
II O avô e o neto	147

III A utilidade de ir à missa para se tornar revolucionário	160
IV As surpresas de Marius	176
V Marius pobre	190
VI O senhor Mabeuf	206
VII Efeitos da primavera	214
VIII Princípio de uma grave doença	218
IX Um quadrunvirato de bandidos	226
X Uma rosa na miséria	230
XI Em que um agente da polícia dá duas pistolas a um advogado	250
XII Preocupações com certos mistérios	265
XIII A cilada	277
XIV Sempre devia começar-se por prender as vítimas	294

Quarta Parte – O idílio da Rua Plumet

e a epopeia da Rua de Saint-Denis	301
I Eponine	301
II A casa da Rua Plumet	314
III Começa a batalha	328
IV A tia Plutarco não sente embaraços para explicar um fenómeno	343
V Sustos de Cosette	348
VI O pequeno Gavroche	360
VII As peripécias da evasão	380
VIII «Cab» rola em inglês e ladra em calão	390
IX Coisas da noite	404
X Para onde vão?	418
XI Paris insurreta	423
XII Os preparativos	434
XIII O homem recrutado na Rua dos Bilhetes	444

XIV Marius entra na sombra	454
XV As grandezas do desespero	461
XVI A Rua do Homem Armado	474
Quinta Parte – A vingança de Jean Valjean	489
I Que fazer no abismo a não ser que se fale	489
II Aurora	513
III O tiro certo que não mata ninguém	516
IV A agonia da barricada	525
V A cloaca e as suas maravilhas	535
VI A entrada do filho pródigo na sua vida	546
VII Javert desvairado	563
VIII Marius apresta-se para a guerra doméstica	571
IX Jean Valjean continua de braço ao peito	592
X O sétimo círculo e o oitavo céu	611
XI A sala de baixo	630
XII Retirada gradual	634
XIII Não ergue uma pena quem levantou o carro de Fauchelevent	640
XIV Frasco de tinta que só consegue embranquecer	645

PRIMEIRA PARTE

JEAN VALJEAN E FANTINE

Em 1815, monsenhor Myriel era bispo de Digne. Tratava-se de um velho de cerca de setenta e cinco anos. Tinha convertido o episcopado em hospital e a fortuna em esmolas. Indulgente, meigo e caridoso, os pobres da região apenas o conheciam por monsenhor Benvindo. Vivia com grande humildade, na companhia da senhora Baptistine, sua irmã, e da senhora Magloire, a governanta.

Nos primeiros dias de outubro, entrou na cidade um homem de cerca de quarenta e cinco anos, miseravelmente vestido, cabelo rapado. Reconhecido por antigo forçado pelos estalajadeiros de Digne e rejeitado pela população, encontrou refúgio na abadia, onde monsenhor Myriel o acolheu com bondade apesar da hostilidade das duas mulheres.

Condenado vinte anos antes aos trabalhos forçados pelo roubo de um pão, Jean Valjean vira a pena ampliada várias vezes em consequência de tentativas de evasão. Por fim, libertado, entendeu que a sociedade tinha sido injusta para com ele, castigando-o com demasiada severidade. O rancor e hostilidade para com os homens levaram-no a roubar em casa do benfeitor, antes de partir, talheres e castiçais de prata. Novamente preso, é salvo por monsenhor Myriel, que afirma ter-lhe dado os objetos roubados. A bondade do prelado iluminou a alma do infeliz com uma cintilação magnífica.

Na mesma época, uma jovem, Fantine, vê-se abandonada pelo pai da sua filha, a pequena Cosette, e obrigada a entregá-la à guarda dos estalajadeiros de Montfermeil, os Thénardier. Um pouco mais tarde, em 1818, Fantine encontra-se em Montreuil-sur-Mer, sua cidade natal. Leva uma vida miserável e já não consegue enviar aos Thénardier a pensão para a filha, Cosette.

MADELEINE

Era um homem de cerca de cinquenta anos, que tinha um ar preocupado e bom. Nada mais se podia dizer dele.

Graças aos rápidos progressos de uma indústria¹ que remodelara admiravelmente, Montreuil-sur-Mer torna-se considerável centro de negócios. A Espanha, que consome muito vidrilho negro, enviava ali grandes encomendas todos os anos. Com este comércio, Montreuil-sur-Mer quase concorria com Londres e Berlim. Eram tais os lucros de Madeleine que, a partir do segundo ano, pudera construir uma grande fábrica com duas vastas oficinas, uma para os homens e outra para as mulheres. Quem quer que tivesse fome podia ali apresentar-se com a certeza de encontrar trabalho e pão. Aos homens de boa vontade, às mulheres de costumes puros, a todos Madeleine exigia probidade. Tinha dividido as oficinas, a fim de separar os sexos, para que as raparigas e as mulheres se pudessem conservar moderadas. A este respeito, era inflexível. Este era o único ponto em que se mostrava de alguma forma intolerante. A sua severidade, aliás, justificava-se, dado que Montreuil-sur-Mer era uma cidade com quartéis, pelo que abundavam as ocasiões de corrupção. De resto, a sua vinda tinha sido um bem, e a sua presença uma providência. Antes da chegada de Madeleine, tudo estava inativo na região; agora, ali vivia-se a vida sã do trabalho. Notava-se, em parte, um crescente movimento. A esmola e a miséria eram desconhecidas. Não havia bolso, por mais obscuro, que não tivesse um pouco de dinheiro; não havia casa, por mais pobre, onde não houvesse um pouco de alegria.

Madeleine empregava toda a gente. Só exigia uma coisa: que fosse homem honesto ou mulher honesta.

Como já dissemos, no meio desta atividade de que era a causa e o impulsionador, Madeleine fazia fortuna, mas, coisa singular num simples homem de comércio, não parecia que fosse esse o seu único objetivo. Dir-se-ia querer mais para os outros do que para si. Em 1820, era conhecida uma soma de seiscentos e trinta mil francos depositada em seu nome na casa Laffitte, mas antes de ter depositado estes seiscentos e trinta mil francos, oferecera mais de um milhão para a cidade e para os seus pobres.

O hospital estava mal dotado; doou-lhes dez camas. Montreuil-sur-Mer estava dividida em cidade alta e cidade baixa. Na cidade baixa, havia apenas uma escola, construção antiga que caía em ruínas; fez construir duas, uma para os rapazes e outra para as raparigas. Pagava do seu bolso aos dois professores

¹ Imitação do vidrilho inglês e das missangas negras da Alemanha.

uma mesada dupla do magro vencimento oficial, e um dia, a alguém que se admirou com isso, disse: «Os dois primeiros funcionários do Estado são a ama e o mestre-escola.» Criara à sua custa um asilo, coisa então quase desconhecida na França, e uma caixa de seguros para os operários velhos e doentes. Em redor da sua fábrica, onde havia grande número de famílias indigentes, surgiu rapidamente um novo bairro, onde estabelecera uma farmácia gratuita.

Nos primeiros tempos, quando o viram começar, as boas almas disseram: «É um tipo que quer enriquecer.» Quando o viram enriquecer o país antes de se enriquecer a si, as mesmas boas almas disseram: «É um ambicioso.» Isto parecia tanto mais provável quanto este homem era religioso, e até praticava em certa medida, coisa muito bem vista nesta época. Assistia regularmente à missa aos domingos. O deputado local, que em toda a parte via concorrentes, não tardou a inquietar-se com esta religiosidade. Este deputado, que fora membro do corpo legislativo do império, partilhava as ideias de um padre de oratório conhecido pelo nome de Fouché, duque de Otranto, de quem tinha sido amigo. A sós, ria-se docemente de Deus. Mas quando viu o rico fabricante Madeleine ir à missa das sete, entrevistou um possível candidato e resolveu superá-lo; chamou um confessor jesuíta e foi à missa cantada e às vésperas. Nesta época, a ambição era, na aceção direta da palavra, uma corrida *contracampanário*. Os pobres aproveitaram desta contenda, porque o honrado deputado doou também duas camas ao hospital, o que perfez doze.

Entretanto, em 1819, correu numa manhã o rumor pela cidade de que, por proposta do senhor prefeito, e levando em consideração os serviços prestados à região, Madeleine ia ser nomeado pelo rei governador de Montreuil-sur-Mer. Os que tinham declarado que o recém-chegado era «um ambicioso», tiveram a oportunidade que todos os homens desejam de exclamar: «Então! Que tinha eu dito?» Toda a cidade se agitou. Os rumores eram fundados. Alguns dias depois, a nomeação apareceu em *O Monitor*. No dia seguinte, Madeleine recusou-a.

Neste mesmo ano de 1819, os produtos fabricados pelo novo processo inventado por Madeleine foram apresentados na exposição da indústria; de acordo com o relatório do júri, o rei nomeou o inventor cavaleiro da Legião de Honra. Nova agitação na pequena cidade. Bem, era a cruz que ele queria! Madeleine recusou a cruz.

Decididamente, este homem era um enigma. As boas almas descartavam-se, dizendo: «Seja como for, este homem é uma espécie de aventureiro.»

Como se viu, a região devia-lhe muito, os pobres deviam-lhe tudo; mostrava-se tão útil que era muito natural que acabassem por o honrar, e tão bom que o mais natural era que acabassem por o amar; em particular, os seus operários adoravam-no, e ele notava esta adoração com uma espécie de gravidade melancólica. Quando foi considerado rico, «as pessoas da sociedade» saudaram-no, e na cidade chamaram-lhe senhor Madeleine; os operários e as crianças continuaram a chamar-lhe tio Madeleine, e isso era o que melhor o fazia sorrir. À

medida que prosperava, os convites choviam-lhe. «A sociedade» reclamava-o. Os pequenos salões afetados de Montreuil-sur-Mer que, bem entendido, nos primeiros tempos se fechavam ao artesão, abriam-se de par em par ao milionário. Foram-lhe feitos mil convites. Recusou.

Ainda desta vez, as boas almas não se atrapalharam.

— É um homem ignorante e de fraca educação. Não se sabe de onde isto saiu. Não saberia comportar-se em sociedade. Nem está provado que saiba ler.

Quando o viram ganhar dinheiro, disseram: «É um comerciante.» Quando o viram semear dinheiro, disseram: «É um ambicioso.» Quando o viram recusar as honrarias, disseram: «É um aventureiro.» Quando o viram recusar a sociedade, disseram: «É um bruto.»

Em 1820, cinco anos depois da chegada a Montreuil-sur-Mer, os serviços que tinha prestado à cidade eram tão relevantes, o voto da terra foi tão unânime, que o rei voltou a nomeá-lo presidente da Câmara. Recusou mais uma vez, mas o prefeito resistiu à recusa, todos os notáveis lhe foram pedir, o povo nas ruas suplicou-lhe, a insistência foi tão viva que acabou por aceitar. Salienta-se que aquilo que pareceu determinar a sua resolução foi a observação quase irritada de uma velha do povo que lhe gritou da soleira da porta: *Um governador é útil. Será que se pode recusar a fazer o bem?*

Foi a terceira fase da ascensão. O tio Madeleine transformara-se no senhor Madeleine, o senhor Madeleine no senhor presidente da Câmara.

No entanto, permanecera tão simples como no primeiro dia. Tinha os cabelos grisalhos, o olhar sério, a tez morena de um operário, o rosto pensativo de um filósofo. Usava habitualmente um chapéu de abas largas e longa sobrecasaca de tecido espesso, abotoada até ao queixo. Cumpria as funções de presidente da Câmara, mas, para além disso, permanecia solitário. Falava pouco às pessoas. Esquivava-se às cortesias, saudava de passagem, afastava-se rapidamente, sorria para se escusar de falar, dava esmola para evitar sorrir. As mulheres diziam: «Que macambúzio!» O seu prazer era passear pelos campos.

Tomava as refeições sempre só, com um livro aberto à sua frente. Tinha uma pequena biblioteca bem organizada. Amava os livros; os livros são amigos frios e seguros. À medida que o tempo de lazer lhe chegava com a fortuna, parecia que o aproveitava para cultivar o espírito. Desde que chegara a Montreuil-sur-Mer, notava-se de ano para ano que a linguagem se lhe tornava mais delicada, mais escolhida e mais meiga.

Levara uma espingarda para os passeios, mas raramente se servia dela. Quando tal acontecia por acaso, tinha um tiro infalível, que espantava. Nunca matava um animal inofensivo. Nunca atirou a um pássaro.

Embora já não fosse jovem, notava-se que era dotado de uma força prodigiosa. Oferecia ajuda a quem necessitasse, levantava um cavalo, libertava uma roda atolada, segurava pelos cornos um touro tresmalhado. Quando saía, levava sempre os bolsos cheios, quando chegava vinham vazios. Quando passava

por uma aldeia, os garotos esfarrapados corriam alegremente atrás dele e rodeavam-no como uma nuvem de mosquitos.

Não era difícil perceber que já experimentara a vida dos campos porque conhecia toda a espécie de segredos úteis, que ensinava aos camponeses. Ensinava-lhes a destruir a moléstia do trigo, borrifando o celeiro e enchendo as frestas do soalho com uma solução de sal comum, e a evitar o gorgulho pendurando por toda a parte, nas paredes e nos tetos, ramos de salva em flor. Tinha receitas para exterminar a luzerna, a nigela, a ervilhaca e outras ervas parasitas que abafam o trigo. Defendia uma coelheira contra os ratos apenas com o odor de um pequeno porco-da-índia que ali colocava.

Um dia, viu as pessoas muito ocupadas a arrancarem urtigas. Olhou aquele monte de plantas desenraizadas, e já secas, e murmurou: «Estão mortas. Seria bom se soubéssemos como utilizá-las. Quando a urtiga é nova, as folhas são um excelente legume; quando é velha tem filamentos e fibras como o cânhamo e o linho. O caule da urtiga assemelha-se ao do cânhamo. Picada, a urtiga é boa para as aves de capoeira; esmagada, é boa para o gado. A semente da urtiga, misturada na forragem, dá brilho ao pelo dos animais; a raiz misturada com sal produz uma bela tinta amarela. É, de resto, um excelente feno, que se pode ceifar duas vezes. E de que precisa a urtiga? Um pouco de terra, nenhuns cuidados, nenhuma cultura. Só que o grão cai à medida que a planta morre e é difícil de recolher. E é tudo. Com muito pouco trabalho, seria útil; é negligenciada, e por isso torna-se daninha. Então, arranca-se. Quantos homens se assemelham à urtiga!» Depois de um momento de silêncio, acrescentou: «Meus amigos, parem com isso, não há nem ervas más nem homens maus. Só há maus cultivadores.»

As crianças também gostavam dele porque sabia fazer lindos brinquedos com palha e nozes de coco.

Quando via a porta de uma igreja coberta de crepes, entrava; procurava um enterro como outros procuram um batizado. A viuvez e a infelicidade dos outros atraíam-no pela sua extrema sensibilidade; misturava-se com os que estavam de luto, com as famílias vestidas de negro, com os sacerdotes que gemiam em volta de um caixão. Parecia dirigir voluntariamente os pensamentos para estes salmos fúnebres plenos da visão de outro mundo. Com os olhos postos no céu, escutava, com uma espécie de aspiração para todos os mistérios do infinito, estas vozes tristes que cantam à beira do obscuro abismo da morte.

Fazia boas ações dissimulando-se como quem comete más ações. À noite, entrava às escondidas nas casas; subia furtivamente as escadas. Um pobre diabo, ao regressar ao casebre, via que a porta tinha sido aberta, por vezes forçada, na sua ausência. O pobre homem lamentava-se: «Veio um malfeitor!» Entrava, e a primeira coisa que via era uma peça de ouro esquecida sobre um móvel. «O malfeitor» que tinha entrado era o tio Madeleine.

Era afável e triste. O povo dizia: «Aqui está um homem rico que não tem aspeto arrogante. Eis um homem feliz que não parece satisfeito.»

Havia quem pretendesse ser uma personagem misteriosa, e afirmavam que nunca alguém lhe tinha entrado no quarto, que era uma verdadeira cela de anacoreta, mobilado com ampulhetas aladas e decorado com tábias em cruz e caveiras. Era coisa que corria, ao ponto de algumas jovens elegantes e maliciosas de Montreuil-sur-Mer o visitarem um dia e lhe pedirem:

— Senhor presidente, mostre-nos o seu quarto. Dizem que é uma gruta.

Ele sorriu e introduziu-as na «gruta». Foram bem punidas pela curiosidade. Era um quarto guarnecido de móveis bem feios de acaju, como todos os móveis deste género, e forrado a papel barato. Nada notaram de especial, além de dois castiçais de estilo antigo, sobre a lareira, que pareciam ser de prata, «porque estavam controlados». Observação cheia do espírito das pequenas cidades.

Mesmo assim continuou a afirmar-se que nunca alguém entrara naquele quarto, uma caverna de eremita, um covil, uma tumba.

Também se murmurava que tinha somas «imensas» depositadas na casa Laffitte, com a particularidade de estarem sempre à sua disposição imediata, de tal forma, acrescentava-se, que Madeleine podia chegar uma manhã à casa Laffitte, assinar um recibo e levantar os seus dois ou três milhões em dez minutos. Na realidade, estes «dois ou três milhões» reduziam-se, como se disse, a seiscentos e trinta ou quarenta mil francos.

II

O TIO FAUCHELEVENT

Nos princípios de 1821, os jornais anunciaram a morte de monsenhor Myriel, bispo de Digne, «cognominado monsenhor *Benvindo*», e falecido em odor de santidade com a idade de oitenta e dois anos.

O bispo de Digne, para acrescentar aqui um pormenor que os jornais omitiam, estava há vários anos cego, e contente por ser cego, já que tinha a irmã junto dele.

Diga-se de passagem que ser cego e ser amado é, com efeito, nesta terra onde nada é completo, uma das formas mais estranhamente requintadas de felicidade. Ter continuamente ao lado uma mulher, uma filha, uma irmã, um ser encantador, que está ali porque temos necessidade dele e porque não pode passar sem nós, sabermo-nos indispensáveis a quem nos é necessário, poder medir incessantemente a sua afeição pela quantidade de presença que nos devota, e dizer: «Visto que me consagra todo o tempo, é porque lhe ocupo todo o coração; ver o pensamento em vez da figura, constatar a fidelidade de um ser no eclipse do mundo, ouvir o roçar de um vestido como um ruído de asas, escutar o ir e vir, sair, entrar, falar, cantar, e imaginar que somos o centro

destes passos, destas palavras, deste canto, manifestar em cada minuto a própria atração, sentirmo-nos tanto mais poderosos quanto somos menos firmes, tornarmo-nos na obscuridade, e pela obscuridade, o astro em redor do qual gravita este anjo, poucas felicidades igualam esta. A suprema felicidade da vida é a convicção de que somos amados; amados por nós próprios, melhor, amados apesar de nós próprios; esta convicção é característica do cego. O coração, esta obscura flor celeste, entra num espasmo misterioso. Não trocaríamos esta sombra por toda a claridade. O anjo está ali, sempre ali; se se afasta é para voltar; apaga-se como o sonho e reaparece como a realidade. Sentimos o calor que se aproxima. Transbordamos de serenidade, de jovialidade e de êxtase; somos como um clarão na noite. E mil pequenos cuidados. Nadas que são enormes nesta vida. Os mais inefáveis acentos da voz feminina usados para nos embalar, e suplicando por nós ao universo que nos é alheio. Somos acarinhados com a alma. Nada vemos, mas sentimos que somos adorados. É um paraíso de trevas.

Foi deste paraíso que monsenhor Benvindo passou para o outro.

A notícia da morte foi reproduzida pelo jornal de Montreuil-sur-Mer. Madeleine apareceu no dia seguinte todo de negro com uma fita no chapéu.

Notou-se na cidade este luto, e murmurou-se. Pareceu ser um esclarecimento sobre a origem de Madeleine. Concluiu-se que ele tinha qualquer relação com o venerável bispo. *Põe luto pelo bispo de Digne*, disse-se nos salões; o que valorizou largamente Madeleine e lhe deu subitamente uma certa consideração entre a gente nobre de Montreuil-sur-Mer. O microscópico bairro aristocrático do local pensou em terminar a quarentena a Madeleine, provável parente de um bispo. Madeleine apercebeu-se da valorização que obtinha, pelas reverências cada vez maiores das velhas e pelos sorrisos das jovens. Certa tarde, uma velhota influente, curiosa por direito de velhice, atreveu-se a perguntar-lhe:

— O senhor governador é sem dúvida primo do falecido bispo de Digne?

Ele respondeu:

— Não, minha senhora.

— Mas — replicou a velha — anda de luto por ele!

Explicou:

— É que na minha juventude fui criado da família dele.

Uma coisa que ainda se notava era que, cada vez que passava na cidade um jovem limpa-chaminés saboiano, correndo a região em busca de chaminés para limpar, o presidente da Câmara mandava-o chamar, perguntava-lhe o nome e dava-lhe dinheiro. Os jovens limpa-chaminés saboianos contavam isto uns aos outros, e passavam muitas vezes por ali.

Pouco a pouco, e com o tempo, todas as oposições tinham desaparecido. Primeiro — espécie de lei que sempre têm de sofrer aqueles que ascendem — tinham-se levantado obstáculos a Madeleine, difamações e calúnias, mas não passaram de mordacidades e malícias, e depois tudo se desvaneceu; o respeito tornou-se completo, unânime, cordial. De todos os lados vinham consultar

Madeleine. Ele resolvia diferendos, impedia processos, reconciliava inimigos. Todos o tomavam por juiz das suas causas. Parecia que tinha na alma o livro do direito natural. Isto tornou-se uma espécie de contágio de veneração que, em seis ou sete anos, de boca a boca se espalhou por toda a região.

Só um homem, na cidade e nos arredores, se manteve absolutamente impermeável a este contágio, e fizesse o que fizesse o tio Madeleine, permanecia rebelde, como se uma espécie de instinto, incorruptível e imperturbável, o prevenisse e o inquietasse. Parece, com efeito, que existe em certos homens um verdadeiro instinto animal, puro e íntegro como todos os instintos, que cria as antipatias e as simpatias, que separa fatalmente uma natureza da outra, que não hesita, que se não perturba, não se detém e nunca se desvia, claro na sua obscuridade, infalível, imperioso, refratário a todos os conselhos da inteligência e a todos os dissuasores da razão, e que, seja qual for a sorte, previne secretamente o homem-cão da presença do homem-gato, e o homem-raposa da presença do homem-leão.

Frequentemente, quando Madeleine passava numa rua, calmo, afetuoso, rodeado das reverências de todos, acontecia que um homem de elevada estatura, vestido com um casaco cinzento, armado com um grande cajado e com um chapéu desabado, se voltava bruscamente por trás dele e o seguia com os olhos até desaparecer, cruzando os braços, abanando lentamente a cabeça, e empurrando o lábio superior com o inferior até ao nariz, espécie de trejeito significativo, que poderia traduzir-se por: «Mas quem é aquele homem? Tenho a certeza de que já o vi em qualquer parte. Em todo o caso, não me engana.»

Esta personagem grave, de uma gravidade quase ameaçadora, era daquelas que, mesmo vistas de passagem, preocupam o observador.

Chamava-se Javert, e era polícia.

Desempenhava em Montreuil-sur-Mer as funções desagradáveis, mas úteis, de inspetor. Não tinha assistido aos princípios de Madeleine. Javert devia o lugar que ocupava à proteção de Chabouillet, secretário do ministro de Estado, conde Anglès, então prefeito da polícia de Paris. Quando Javert chegara a Montreuil-sur-Mer, a fortuna do grande fabricante já estava feita, e o tio Madeleine já se denominava senhor Madeleine.

Certos oficiais da polícia têm uma fisionomia particular, que se caracteriza por um ar de baixeza misturado com um ar de autoridade. Javert possuía esta fisionomia, menos a baixeza.

É nossa convicção que, se as almas fossem visíveis, veríamos distintamente esta coisa estranha, de cada indivíduo da espécie humana corresponder a uma das espécies da criação animal; e poderíamos reconhecer facilmente esta verdade mal suspeitada segundo a qual, da ostra à águia, do porco ao tigre, todos os animais estão no homem e cada um deles é reconhecível no homem. Por vezes, vários deles ao mesmo tempo.

Os animais não são mais do que a figuração das nossas virtudes e dos

nossos vícios, errantes diante dos nossos olhos, fantasmas visíveis das nossas almas. Deus mostra-no-los para nos fazer refletir.

De resto, se admitirmos que em todo o homem existe uma das espécies animais da criação, ser-nos-á fácil dizer o que era o soldado de paz Javert.

Os camponeses das Astúrias estão convencidos de que em todas as ninhadas de loba há um cão, o qual é morto pela mãe, sem o que, ao crescer, devoraria os irmãos.

Dando uma face humana a este cão filho de loba, temos Javert.

Javert nascera numa prisão, filho de uma cartomante cujo marido estava nas galés. Ao crescer, pensou estar à margem da sociedade e desesperou de alguma vez poder voltar a entrar nela. Notou que a sociedade mantém irremediavelmente à parte duas classes de homens: os que a atacam e os que a guardam; só podia escolher entre estas duas classes; ao mesmo tempo, sentia não sei que fundo de rigidez, de regularidade e de probidade, aliado a um inexprimível ódio por aquela raça de párias de que era originário. Entrou para a polícia.

Conseguiu subir. Aos quarenta anos era inspetor. Na juventude, estivera empregado nas prisões do Sul do país.

Antes de prosseguir, expliquemo-nos sobre a expressão *rosto humano* que ainda há pouco aplicávamos a Javert.

A face humana de Javert consistia num nariz achatado, com profundas narinas para as quais subiam na face enormes suíças. As pessoas sentiam-se mal a primeira vez que viam estas duas florestas e estas duas cavernas. Quando Javert ria, o que era raro e terrível, os finos lábios afastavam-se, e deixavam ver, não só os dentes, mas as gengivas, e formava-se-lhe em redor do nariz uma ruga achatada e selvagem como o focinho de um animal bravo. Javert sério era um cão de fila; quando ria era um tigre. Para além disso, tinha um crânio pequeno, um queixo enorme, os cabelos escondiam-lhe a testa e caíam-lhe sobre as sobrancelhas, entre os olhos tinha uma ruga central permanente, como uma estrela de cólera, o olhar obscuro, a boca contraída e temível, a fisionomia do feroz comando.

Este homem compunha-se de dois sentimentos muito simples, e relativamente bons, que tornava quase maus à força de os exagerar: o respeito pela autoridade, o ódio à rebelião; e a seus olhos, o roubo, o assassinio, todos os crimes, não passavam de formas de rebelião. Envolvia numa espécie de lei cega e profunda tudo o que tem uma função no Estado, desde o primeiro-ministro até ao guarda-florestal. Cobria de desprezo, de aversão e de repugnância tudo o que alguma vez tivesse franqueado o limiar legal do mal. Era absoluto e não admitia exceções. Por um lado dizia: «O funcionário não pode enganar-se, o magistrado nunca comete injustiça.» Por outro, considerava: «Estes estão irremediavelmente perdidos. Nada de bom se pode esperar deles.» Partilhava plenamente a opinião daqueles espíritos extremos que atribuem à lei humana

não sei que poder de fazer ou, se se quiser, de descobrir os culpados, e que põem um Estige nas margens da sociedade. Estoico, sério, austero, sonhador, triste; humilde e arrogante como os fanáticos. O seu olhar era uma verruma. Frio e perfurante. A sua vida resumia-se nestas duas palavras: vigiar e fiscalizar. Tinha introduzido a linha reta em tudo o que há de mais torto no mundo; possuía a consciência da sua utilidade, a religião das suas funções, e era espião como se é padre. Infeliz do que lhe caísse nas mãos! Teria prendido o pai se se evadissem da cadeia, e denunciado a mãe se violasse uma lei. E tê-lo-ia feito com aquela espécie de satisfação interior que dá a virtude. Apesar disto, passava vida de privações, de isolamento, de abnegação, de castidade, sem uma distração. O dever implacável, a polícia interpretada como os espartanos interpretavam Esparta, uma perseguição impiedosa, uma honestidade indomável, um espião marmóreo, Brutus encarnado em Vidocq².

Todo o ser de Javert simbolizava o homem que espia e que se oculta. A escola mística de Joseph de Maistre, que nesta época classificava de alta cosmogonia aquilo a que se chamava os jornais ultras, não deixou de afirmar Javert como um símbolo. Ninguém lhe via a testa que desaparecia sob o chapéu, não se lhe viam os olhos que desapareciam sob as sobrancelhas, não se lhe via o queixo que mergulhava no colarinho, não se lhe viam as mãos sempre metidas nos bolsos, nem se lhe via a bengala que trazia sob a capa. Mas na ocasião precisa, via-se surgir repentinamente de toda esta sombra, como de uma emboscada, a testa angulosa e estreita, o olhar funesto, o queixo ameaçador, duas mãos enormes, e um monstruoso bastão.

Nos momentos de lazer, pouco frequentes, mesmo odiando os livros, lia; isto explicava porque não era completamente iletrado, o que se reconhecia em certa ênfase da palavra.

Não tinha um único vício, como já se disse. Quando estava satisfeito, fumava um pouco de tabaco. Ligava-se à humanidade por essa via.

Compreende-se facilmente que Javert fosse o terror de toda aquela classe que a estatística anual do Ministério da Justiça designa sob o rótulo: *vadiagem*. A citação do nome de Javert punha-os em fuga, o aparecimento do rosto de Javert petrificava-os.

Tal era o terrível homem.

Javert era como um olho sempre fixado em Madeleine. Olho cheio de suspeitas e de conjecturas. Madeleine acabara por se aperceber, mas parecia que isso não lhe dava muito cuidado. Nem sequer fez perguntas a Javert, não o procurava nem o evitava; e suportava-lhe, sem parecer dar atenção, o olhar importuno e quase impertinente. Tratava Javert como toda a gente, com dessembaraço e bondade.

Por certas palavras que tinham escapado a Javert, sabia-se que havia

² Charles Vidocq, fundador da Sûreté, cujo processo por abuso de funções abalou Paris.

investigado secretamente, com aquela perspicácia característica do seu tipo, e na qual há tanto de instinto como de vontade, todos os rastros anteriores que o tio Madeleine não tinha conseguido apagar. Parecia saber, e dizia-o por vezes por meias-palavras, que alguém tinha obtido informações numa determinada região, sobre uma certa família desaparecida. Uma ocasião aconteceu dizer, falando com os seus botões: «Creio que o apanhei!» Depois, permaneceu três dias pensativo sem pronunciar uma palavra. Tudo indicava que o fio que pensava ter seguro se partira.

De resto, e isto é o corretivo necessário ao que o sentido de certas palavras poderia apresentar de demasiado absoluto, não pode haver nada de verdadeiramente infalível numa criatura humana, e a característica própria do instinto é precisamente a de poder ser enganado, despistado e derrotado. Sem isso, seria superior à inteligência, e o animal acabaria por ter um melhor guia do que o homem.

Javert mostrava-se evidentemente um pouco desconcertado com o comportamento natural e com a tranquilidade de Madeleine. Um dia, no entanto, a sua estranha maneira de ser pareceu impressionar Madeleine. Eis quando tal aconteceu.

Madeleine passava certa manhã numa ruela não pavimentada de Montreuil-sur-Mer. Ouviu um ruído e viu um grupo, a certa distância. Dirigiu-se para lá. Um velho, de nome Fauchelevant, acabava de cair sob a carroça, cujo cavalo havia escorregado.

Este Fauchelevant era um dos poucos inimigos que Madeleine ainda tinha nesta época. Quando Madeleine chegara à região, Fauchelevant, velho tabelião e camponês um pouco letrado, tinha um negócio que começava a andar mal. Fauchelevant vira este simples operário enriquecer, enquanto ele, mestre, se arruinava. Isto encheu-o de rancor e fez sempre tudo o que pôde para prejudicar Madeleine. Depois, veio a falência, e, velho, não possuindo nada de seu além de uma carroça e um cavalo, sem família e sem filhos, fez-se carroceiro para poder viver.

O cavalo tinha as duas pernas partidas e não podia levantar-se. O velho ficara preso entre as rodas. A queda fora tão desastrosa que todo o peso da carroça lhe caíra sobre o peito. O carro estava fortemente carregado. O tio Fauchelevant dava gemidos lamentáveis. Tinham tentado tirá-lo, mas em vão. Um esforço desordenado, uma ajuda mal dada, uma tentativa em falso podiam acabar com ele. A única forma de o tirar era soerguer a carroça. Javert, que aparecera no momento do acidente, mandara procurar uma alavanca.

Madeleine chegou. Afastaram-se respeitosamente.

— Acudam! — gritava o velho Fauchelevant. — Quem é capaz de salvar um velho?

Madeleine voltou-se para os circunspectos espectadores:

— Há uma alavanca?
— Foram procurar uma — respondeu um camponês.
— Daqui a quanto tempo chegará?
— Foram ao mais próximo lugar, ao de Flachot, onde existe um ferrador; mas, mesmo assim, será preciso um bom quarto de hora.
— Um quarto de hora! — exclamou Madeleine.

Tinha chovido na véspera, o Sol estava encoberto, a carroça enterrava-se a cada instante e comprimia cada vez mais o peito do velho carroceiro. Era evidente que dentro de minutos teria as costelas esmagadas.

— É impossível esperar um quarto de hora — disse Madeleine aos camponeses, que o olhavam.

— Tem de ser!
— Mas não há tempo. Não veem que a carroça se enterra?
— Pois é!
— Oçam — replicou Madeleine —, ainda há espaço sob a carroça para que um homem se introduza e a levante com os ombros. É coisa de meio minuto, e tiraremos o pobre homem. Há alguém que tenha bons rins e coração? Dou cinco luíses de ouro!

Ninguém se mexeu no grupo.

— Dez luíses — tentou Madeleine.

Os homens baixaram os olhos. Um deles murmurou:

— Era preciso ser forte como um burro. E, além disso, arriscava-se a ficar esmagado!

— Vamos! — recomeçou Madeleine —, vinte luíses!

O mesmo silêncio.

— Não é a boa vontade que lhes falta — comentou uma voz.

Madeleine voltou-se e reconheceu Javert. Não o tinha visto, ao chegar. Javert continuou:

— É a força. Era preciso ser um homem formidável para conseguir levantar um carro destes com as costas.

Depois, olhando fixamente Madeleine, prosseguiu acentuando cada uma das palavras que pronunciava:

— Senhor Madeleine, só conheci um homem capaz de fazer o que deseja. Madeleine estremeceu.

Javert acrescentou com ar indiferente, mas sem tirar os olhos de Madeleine:

— Era um forçado!

— Ah! — murmurou Madeleine.

— Da cadeia de Toulon.

Madeleine empalideceu. Entretanto, a carroça continuava a enterrar-se lentamente. O tio Fauchelevent arquejava e gritava:

— Sufoco! Isto parte-me as costelas! Uma alavanca! Qualquer coisa! Ah!
Madeleine olhou em volta:

— Não há então ninguém que queira ganhar vinte luíses e salvar a vida a este pobre velho?

Nenhum dos assistentes se moveu. Javert repetiu:

— Só conheci um homem que podia substituir uma alavanca. Era esse forçado.

Madeleine levantou a cabeça, encontrou o olhar de falcão de Javert sempre cravado nele, olhou os camponeses imóveis, e sorriu tristemente. Em seguida, sem dizer palavra, caiu de joelhos e, antes mesmo que os camponeses tivessem tempo de colocar um pé-de-cabra, meteu-se debaixo do carro.

Houve um terrível momento de ansiedade e de silêncio.

Viram Madeleine quase de ventre no chão tentando por duas vezes, em vão, aproximar os cotovelos dos joelhos. Gritaram-lhe:

— Tio Madeleine, saia daí!

O próprio velho Fauchelevent lhe balbuciou:

— Senhor Madeleine! Vá-se embora! Chegou a minha hora! Deixe! Vai ficar também esmagado!

Madeleine não respondeu.

A assistência suspirava. As rodas tinham continuado a enterrar-se, e tornara-se quase impossível para Madeleine sair de debaixo da carroça.

Subitamente, viu-se a enorme massa estremecer; a carroça elevava-se lentamente, as rodas começavam dificilmente a sair do trilho. Ouviu-se uma voz abafada que clamava:

— Despachem-se! Ajudem!

Era Madeleine que acabava de fazer um último esforço.

Precipitaram-se. A dedicação de um só tinha dado força e coragem a todos. A carroça foi levantada por vinte braços. O velho Fauchelevent estava salvo.

Madeleine levantou-se. Estava lívido, inundado de suor. Tinha as roupas rasgadas e cobertas de lama. Todos choravam. O velho beijava-lhe os joelhos e chamava-lhe Santo Deus. Madeleine apresentava no rosto uma expressão de sofrimento, feliz e celeste, e fixava o olhar tranquilo em Javert, que continuava a observá-lo.

Fauchelevent tinha deslocado uma rótula na queda.

O tio Madeleine fê-lo transportar para uma enfermaria que mandara instalar para os seus operários no próprio edifício da fábrica, e que era servida por duas irmãs de caridade. Na manhã seguinte, o velho encontrou uma nota de mil francos em cima da mesa de cabeceira, com esta frase escrita pela mão de Madeleine: *Compro-lhe a carroça e o cavalo*. A carroça estava partida, e o cavalo morto. Fauchelevent recompôs-se, mas o joelho ficou imobilizado. De acordo com as recomendações das irmãs de caridade e do cura, Madeleine colocou o velho como jardineiro num convento de freiras no bairro Saint-Antoine, em Paris.

Algum tempo depois, Madeleine foi nomeado presidente da Câmara. A

primeira vez que Javert o viu com a capa que lhe dava toda a autoridade na cidade, experimentou o mesmo tremor que sentiria um mastim ao farejar um lobo sob a capa do seu dono. A partir desse momento, evitou-o o mais que pôde. Quando as necessidades do serviço o exigiam imperiosamente, e não podia evitar encontrar-se com o senhor presidente, falava-lhe com profundo respeito.

Esta prosperidade criada em Montreuil-sur-Mer pelo tio Madeleine tinha, para além dos sinais visíveis que indicámos, um outro sintoma que, por não ser visível, nem por isso era menos significativo. Isto nunca engana. Quando a população sofre, quando falta o trabalho, quando o comércio é nulo, o contribuinte resiste aos impostos por penúria, deixa passar os prazos, e o Estado gasta muito dinheiro em medidas de coação e de cobrança. Quando o trabalho abunda, quando a região é feliz e rica, os impostos são facilmente pagos e custam pouco ao Estado. Pode dizer-se que a miséria e a riqueza públicas têm um termómetro infalível: as despesas de cobrança dos impostos. Em sete anos, as despesas de cobrança de impostos haviam sido reduzidas em três quartos nos arredores de Montreuil-sur-Mer, o que levava Villèle, então ministro das Finanças, a citar especialmente este distrito.

SEGUNDA PARTE

COSETTE

I

O CAMPO DE BATALHA DE WATERLOO

Na noite de 18 de junho de 1815 havia luar. A claridade favoreceu a perseguição feroz de Blücher, denunciou os rastros dos fugitivos, entregou a multidão desvairada à encarniçada cavalaria prussiana, e ajudou ao massacre. Há por vezes catástrofes, destas trágicas complacências da noite.

Depois do último tiro de canhão, a planície de Mont-Saint-Jean ficou deserta.

Os ingleses ocuparam o acampamento dos franceses, o que é o habitual certificado da vitória: deitar-se na cama do vencido. Estabeleceram o acampamento para além de Rossomme. Os prussianos, despistados, continuaram para a frente. Wellington foi à aldeia de Waterloo redigir o relatório para lorde Bathurst.

Nunca o *sic vos non vobis*³ foi tão bem aplicado como a esta aldeia de Waterloo. Waterloo nada fez, e ficou a meia légua do campo de ação. Mont-Saint-Jean foi bombardeada, Hougomont incendiada, Papelotte, queimada, Plancenoit, queimada, Haie-Sainte tomada de assalto, e Belle-Alliance assistiu ao encontro dos dois vencedores; mal conhecemos estes nomes, e Waterloo, que nada representou na batalha, recebeu todas as honras.

Não somos daqueles que idolatram a guerra; quando a ocasião se apresenta, dizemos as verdades. A guerra tem medonhas belezas que não somos capazes de esconder; tem também, diga-se, algumas fealdades. Uma das mais surpreendentes é o imediato despojamento dos mortos depois da vitória. A aurora que se segue a uma batalha eleva-se sempre sobre cadáveres nus.

³ Assim como vós (*trabalhais*) não para vós. Trabalhai e será outro a receber a recompensa que vos é devida (Virgílio).

Depois dos vencedores vêm os ladrões. Mas ponhamos o soldado, sobretudo o soldado contemporâneo, fora de causa.

Todo o exército tem uma retaguarda, e é essa que deve ser acusada. Seres mais parecidos com vampiros, meio divididos entre salteadores e servos, todas as espécies de vampiros criadas por este crepúsculo a que chamámos guerra, portadores de uniforme que não combatem, falsos doentes, temíveis estropiados, vivandeiros fraudulentos, viajando, por vezes com as suas mulheres, em pequenas carroças e roubando aquilo que vendem, mendigos oferecendo-se aos oficiais como guias, patifes, larápios, tudo isto os exércitos arrastavam consigo — não falamos do tempo presente —, de tal modo que na gíria especial lhes chamavam «os penduras». Nenhum exército nem nenhum país eram responsáveis por estes seres; falavam italiano e seguiam os alemães; falavam francês e seguiam os ingleses. Foi por um destes miseráveis, «pendura» espanhol que falava francês, que o marquês de Fervacques, enganado pela sua pronúncia picarda, e tomando-o por um dos nossos, se fez matar à traição e roubar no próprio campo de batalha, na noite que se seguiu à vitória de Cérisoles. Do roubo nascia o ladrão. A detestável máxima: *viver à custa do inimigo* produzia esta lepra, que só uma forte disciplina poderia evitar. Há homens ilustres que procedem mal; nem sempre se diz por que razão certos generais, grandes militares aliás, foram tão populares. Turenne era adorado pelos soldados porque tolerava a pilhagem; o mal permitido faz parte da bondade; Turenne era tão bom que deixou pôr o Palatinado a ferro e fogo. Viam-se atrás dos exércitos maior ou menor número de patifes consoante o chefe era mais ou menos severo. Hoche e Marceau não traziam «penduras»; Wellington, façamos-lhe justiça, tinha poucos.

No entanto, na noite de 18 para 19 de junho, os mortos foram despojados. Wellington foi rígido: ordem de fuzilar quem quer que fosse apanhado em flagrante delito; mas a rapina é tenaz. Os ladrões roubavam num canto do campo de batalha, enquanto eram fuzilados no outro.

O luar era sinistro, nesta planície.

Cerca da meia-noite, um homem vagueava, ou melhor, rastejava, perto do caminho de Ohain. Era, segundo tudo indicava, um destes que acabamos de caracterizar, nem inglês, nem francês, nem camponês, nem soldado, menos homem que vampiro, atraído pelo cheiro dos mortos, tendo por vitória o roubo, querendo despojar Waterloo. Vestia uma blusa que era quase uma capa, mostrava-se inquieto e audacioso, andava para a frente e olhava para trás. Quem seria este homem? A noite provavelmente sabia mais dele do que o dia. Não trazia nenhum saco, mas tinha evidentemente grandes bolsos sob a capa. De tempos a tempos, parava, examinava a planície em seu redor como para ver se estava a ser observado, curvava-se bruscamente, remexia no chão qualquer coisa silenciosa e imóvel, depois levantava-se e continuava. O seu deslizar, as suas atitudes, os seus gestos rápidos e misteriosos faziam-no assemelhar

àquelas larvas crepusculares que frequentam as ruínas e a quem as velhas lendas normandas chamam duendes.

Certas aves pernaltas noturnas fazem silhuetas destas nos pântanos.

Um olhar que tivesse sondado atentamente toda esta bruma teria podido notar, a alguma distância, parada e como escondida atrás do casebre que existe à beira do caminho de Nivelles, no cruzamento com a estrada de Mont-Saint-Jean a Braine-l'Alleud, uma espécie de pequena carroça de vivandeiro com cobertura de vime alcatroado, atrelada a um cavalo esfomeado que roía urtigas por entre o freio, e dentro da carroça uma espécie de mulher sentada em cima de caixas e embrulhos. Talvez houvesse uma ligação entre a carroça e o pilhante.

A obscuridade era serena. Nem uma nuvem no zénite. Que importa que a terra esteja vermelha? A Lua continua branca. São estas as indiferenças do céu. Nas planícies, os ramos de árvores quebrados pela metralha, mas não caídos, e seguros pela casca, balançavam docemente ao vento da noite. Um sopro, quase uma respiração, agitava os matagais. Havia na erva agitações que se assemelhavam a despedidas de almas.

Ouvia-se vagamente ao longe o ir e vir das patrulhas e das sentinelas do acampamento inglês.

Hougomont e Haie-Sainte continuavam a arder, fazendo, uma a oeste, outra a leste, duas grandes labaredas às quais se vinha juntar, como um colar de rubis desenfiado tendo nas extremidades dois carbúnculos, o cordão de fogo do acampamento inglês, estendido num semicírculo imenso pelas colinas do horizonte.

Se há alguma coisa de aterradora, se existe uma realidade que ultrapassa o sonho, é esta: viver, ver o Sol, estar em plena posse da força viril, ter saúde e alegria, rir livremente, correr para uma glória que temos diante de nós, sentir no peito um pulmão que respira, um coração que bate, uma vontade que decide, falar, pensar, esperar, amar, ter uma mãe, ter uma mulher, ter filhos, ter luz, e subitamente, no espaço de um grito, em menos de um ápice, afundar-se num abismo, cair, rolar, esmagar, ser esmagado, ver as espigas de trigo, as flores, as folhas, os ramos, não poder agarrar-se a nada, sentir a espada inútil, homens sob nós, cavalos por cima, debater-se em vão, os ossos quebrados por qualquer coice nas trevas, sentir um tacão que nos faz faiscar os olhos, morder com raiva as ferraduras, sufocar, gritar, torcer-se, ficar ali debaixo, e dizer: «Ainda há pouco estava vivo!»

Ali, onde se tinha desenrolado esta terrível desgraça, tudo estava silencioso agora. A berma do caminho apresentava-se cheia de cavalos e cavaleiros inextricavelmente amontoados. Confusão terrível. Já não existiam taludes. Os cadáveres nivelavam a estrada com a planície e chegavam até aos bordos como um alqueire de cevada bem medido. Um montão de mortos na parte alta, uma ribeira de sangue na parte baixa: assim estava esta estrada na noite de 18 para 19 de junho de 1815. O sangue escorria até à estrada de Nivelles e

extravasava para uma larga lagoa diante dos troncos de árvores que barravam o caminho, num local que ainda é visível. Foi no ponto oposto, do lado da estrada de Genappe, que se desenrolou a derrocada dos couraceiros. A espessura dos cadáveres era proporcional à profundidade do caminho. Para o meio, no local onde se tornava plano, por onde tinha passado a divisão Delord, o amontoado de mortos adelgaçava-se.

O vagabundo noturno, que acabámos de fazer entrever ao leitor, caminhava deste lado. Esquadrinhava este imenso túmulo. Observava. Passava uma espécie de hedionda revista aos mortos. Caminhava com os pés no sangue.

De repente, parou.

A alguns passos à sua frente, no caminho escavado, no ponto onde terminava o monte de mortos, debaixo deste amontoado de homens e cavalos, saía uma mão aberta, iluminada pelo luar.

Esta mão tinha no dedo qualquer coisa que brilhava, e que não era menos do que um anel de ouro.

O homem curvou-se, esteve um momento abaixado, e quando se levantou, já não havia anel na mão.

Não se levantou propriamente; ficou numa atitude feroz e espantada, voltando as costas ao monte de mortos, perscrutando o horizonte, de joelhos, com o corpo para a frente com os dois indicadores apoiados no chão, a cabeça espreitando por cima do bordo do talude. As quatro patas do chacal convêm a certas ações.

Depois, segurando a presa, levantou-se.

Nesse momento teve um sobressalto. Sentiu que o seguravam por trás.

Voltou-se; era a mão aberta que se tinha fechado e que lhe segurava o tecido da capa.

Um homem honesto teria tido medo. Este pôs-se a rir.

— E esta! — murmurou —, é o morto. Gosto mais de um ressuscitado que de um guarda.

Então, a mão desfaleceu e largou-o. O esforço enfraquece depressa no túmulo.

— Esta agora! — continuou o vagabundo. — Está vivo, este morto? Vamos ver.

Baixou-se de novo, remexeu o amontoado, afastou o que entravava, segurou a mão, puxou o braço, libertou a cabeça, tirou o corpo e, alguns instantes depois, arrastava, na sombra do caminho, um homem inanimado, ou pelo menos sem sentidos. Era um couraceiro, um oficial, e mesmo um oficial de certo escalão; uma grande dragona de ouro saía debaixo da couraça; este oficial já não tinha capacete. Um forte golpe de sabre cortara-lhe a cara, onde só se via sangue. Para além disso, não parecia ter nenhum membro partido, e por qualquer feliz acaso, se esta palavra pode empregar-se aqui, os mortos haviam

formado um arco por cima dele, por forma a evitar-lhe o esmagamento. Os olhos estavam fechados.

Sobre a couraça tinha a cruz de prata da Legião de Honra.

O vagabundo arrancou esta cruz que desapareceu num dos bolsos, sob a capa.

Em seguida, tateou o sovaco do oficial, sentiu aí um relógio e tirou-o. Depois, pesquisou o colete, encontrou uma bolsa, e guardou-a.

Enquanto prestava este género de socorro ao moribundo, o oficial abriu os olhos.

— Obrigado — disse ele, com voz fraca.

A brusquidão de movimentos do homem que o transportava, a frescura da noite, o ar respirado livremente, tinham-no tirado da sua letargia.

O vagabundo não respondeu. Levantou a cabeça. Ouvia-se um ruído de passos na planície; provavelmente qualquer patrulha que se aproximava.

O oficial murmurou, porque tinha ainda a voz ténue:

— Quem ganhou a batalha?

— Os ingleses — respondeu o vagabundo.

O oficial respondeu:

— Procure nos meus bolsos. Encontrará uma bolsa e um relógio. Fique com eles.

Isso já estava feito.

O gatuno fingiu executar o pedido, e disse:

— Não há nada.

— Roubaram-me — respondeu o oficial. — É pena. Seriam para si.

Os passos da patrulha tornavam-se cada vez mais distintos.

— Vêm aí — disse o ladrão, fazendo o movimento do homem que se vai embora.

O oficial, levantando um braço com dificuldade, reteve-o:

— Salvaste-me a vida. Quem és?

O vagabundo respondeu depressa e baixo:

— Era, também, do exército francês. Tenho de o deixar. Se me apanham, serei fuzilado. Salvei-lhe a vida. Agora trate de si.

— Qual é o seu posto?

— Sargento.

— Como se chama?

— Thénardier.

— Não esquecerei esse nome — concluiu o oficial. — Não esqueça o meu. Chamo-me Pontmercy.

Em Montreuil-sur-Mer, o presidente da Câmara, Madeleine, prometeu a Fantine, moribunda, tomar conta da pequena Cosette. Mas Madeleine não é outro senão Jean Valjean. O inspetor Javert

reconheceu-o. E a consciência de Jean Valjean obrigou-o a denunciar-se. Fá-lo no decurso de um processo dramático, em que é julgado em seu lugar um pobre homem, Champmathieu, no qual alguns acreditaram reconhecer o «fogote» (antigo presidiário) Jean Valjean. Aproveitando da confusão que se seguiu à confissão, Madeleine sai livremente do tribunal. Será detido mais tarde, em Paris, no momento em que entrava num carro que faz o trajeto de Paris a Montfermeil.

II

O NÚMERO 24 601 TRANSFORMA-SE NO NÚMERO 9430

Jean Valjean voltara a ser preso. Achemos por bem passar rapidamente sobre os pormenores dolorosos. Limitamo-nos a transcrever duas notícias locais publicadas pelos jornais do tempo, alguns meses depois dos acontecimentos surpreendentes que se desenrolaram em Montreuil-sur-Mer.

Estes artigos são um pouco sumários. Lembremos que não existia ainda nessa época a *Ata dos Tribunais*.

Tiramos o primeiro do *Drapeau Blanc*. É datado de 25 de julho de 1823:

Uma povoação do Pas-de-Calais acaba de ser teatro de um acontecimento pouco comum. Um homem estranho à região e chamado Madeleine havia renovado desde há alguns anos, graças a novos processos, uma antiga indústria local, o fabrico de vidrilhos e missangas negras. Fez assim a sua fortuna, e, dizem, a da região. Como reconhecimento dos seus serviços, foi nomeado presidente da Câmara. A polícia descobriu que este Madeleine não era outro senão um antigo forçado evadido, condenado em 1796 por roubo, e chamado Jean Valjean. Jean Valjean foi novamente encarcerado. Parece que antes da sua prisão tinha conseguido levantar da casa Laffitte uma soma superior a meio milhão, que ali depositara e que, de resto, tinha ganho muito legitimamente — diz-se — no seu negócio. Não se sabe onde Jean Valjean escondeu esta soma, desde a sua entrada na cadeia de Toulon.

O segundo artigo, um pouco mais pormenorizado, foi extraído do *Journal de Paris*, da mesma data.

Um antigo forçado fugido, chamado Jean Valjean, acaba de

comparecer perante o tribunal de Var em circunstâncias dignas de chamar a atenção. Este celerado conseguira enganar a vigilância da polícia; mudara de nome e conseguiu fazer-se nomear presidente camarário de uma das pequenas cidades do Norte. Fundara nessa cidade um comércio bastante favorável. Foi, por fim, desmascarado e preso, graças ao zelo infatigável do Ministério Público. Tinha por concubina uma prostituta que morreu de comoção no momento da prisão. Este miserável, que é dotado de uma força hercúlea, encontrara processo de se evadir; mas, três ou quatro dias depois da sua evasão, a polícia deitou-lhe de novo a mão, ainda em Paris, no momento em que entrava num dos pequenos carros que fazem o trajeto entre a capital e a vila de Montfermeil (Seine-et-Oise). Afirma-se que aproveitou o intervalo destes três ou quatro dias de liberdade para voltar à posse de uma soma considerável, depositada por ele num dos principais bancos. Esta soma é avaliada em seiscentos ou setecentos mil francos. A acreditar na acusação, escondeu-a num local só dele conhecido e não foi possível encontrá-la. Quem quer que seja, este Jean Valjean acaba de ser levado ao banco dos réus no distrito de Var, acusado de um roubo de grande envergadura, cometido à mão armada, há cerca de oito anos, na pessoa de um daqueles honestos homens que, como disse o patriarca Ferney em versos imortais,

*... De Saboia chegam todos os anos
E cujas mãos habilmente limpam
Altas chaminés entupidas pela fuligem.*

O bandido renunciou a defender-se. Foi demonstrado, pelo hábil e eloquente representante do Ministério Público, que o roubo foi cometido com cumplicidade, e que Jean Valjean fazia parte de um bando de gatunos. Em consequência, Jean Valjean, declarado culpado, foi condenado à pena de morte. O criminoso recusou apelar para o Supremo. O rei, na sua inesgotável clemência, dignou-se comutar-lhe a pena em trabalhos forçados perpétuos. Jean Valjean foi imediatamente conduzido à cadeia de Toulon.

Não ficou esquecido que Jean Valjean tinha em Montreuil-sur-Mer hábitos religiosos. Alguns jornais, entre outros o *Constitutionnel*, apresentaram a comutação como um triunfo do partido clerical.

Jean Valjean mudou de número na prisão. Era agora o 9430.

Além disso, digamos de uma vez para sempre, a prosperidade de Montreuil-sur-Mer desapareceu com Madeleine. Depois da sua queda, fez-se em Montreuil-sur-Mer a partilha egoísta das grandes existências caídas, o fatal

despedaçar das coisas florescentes que acontece obscuramente todos os dias na comunidade humana, e que a história só uma vez anotou, porque aconteceu depois da morte de Alexandre. Os ajudantes coroam-se reis; os contramestres improvisam-se fabricantes. Surgem as rivalidades invejosas. As grandes oficinas de Madeleine foram encerradas; as construções caíram em ruínas, os operários dispersaram-se. Uns abandonaram a região, outros abandonaram o ofício. Tudo se tornou pequeno em vez de se tornar grande; pelo lucro em vez de se fazer pelo bem. Deixou de haver um centro; por todo o lado a concorrência e a obstinação. Madeleine dominava tudo e dirigia. Caiu, e cada um tirou a sua parte; o espírito de luta sucedeu ao espírito de organização, a avidez à cordialidade, o ódio de um contra outro à benevolência do fundador para com todos; os fios tecidos por Madeleine enredaram-se e romperam-se; falsificaram-se os processos, depreciaram-se os produtos, liquidou-se a confiança; as exportações diminuíram, baixaram as encomendas; os salários desceram, as oficinas não produziram, veio a falência. E cada vez menos para os pobres. Tudo se desvaneceu.

O próprio Estado se apercebeu de que alguém tinha sido destruído. Menos de quatro anos depois da sentença do tribunal que lançou Madeleine na prisão, os custos de cobrança dos impostos haviam duplicado nos arredores de Montreuil-sur-Mer, e o próprio Villèle fazia essa observação em fevereiro de 1827.

Pelos fins de outubro do mesmo ano, os habitantes de Toulon viram entrar no porto, em seguida a uma tempestade e para reparar algumas avarias, o navio *Orion* que foi mais tarde usado em Brest para navio-escola, e que então fazia parte da esquadra do Mediterrâneo.

Assim, todos os dias, de manhã à noite, os cais, os diques e os paredões do porto de Toulon estavam repletos de uma multidão de ociosos e de basbaques, como se diz em Paris, que tinham por ocupação observar o *Orion*.

O *Orion* era um navio doente há muito tempo. Nas suas navegações anteriores, tinham-se-lhe fixado no casco camadas espessas de conchas a ponto de lhe fazerem perder metade do andamento; fora colocado a seco no ano anterior para retirar estas conchas, e em seguida voltara ao mar. Mas a raspagem alterara o cavilhame do casco. Na zona das Baleares, o bordo tinha-se cansado e abriu-se, e como as escoas não se faziam então em tola, meteu água. Um violento golpe de equinócio quebrou a roda de proa por bombordo, bem como uma portinhola da escotilha, e danificou a mesa de enxárcias da mezena. Depois destas avarias, o *Orion* regressara a Toulon.

Estava fundeado perto do Arsenal, onde era aparelhado e reparado. O casco não tinha sido danificado a estibordo, mas algumas chapas estavam descavadas em certos pontos, segundo o hábito, para deixar entrar o ar no cavername.

Certa manhã, a multidão que o contemplava foi testemunha de um acidente.

A equipagem estava ocupada a envergar as velas. O gajeiro encarregado de

prender o punho da gávea de estibordo perdeu o equilíbrio. Viram-no vacilar; a multidão reunida no cais do Arsenal deu um grito, a cabeça arrastou o corpo, o homem rodou em torno da verga, com as mãos estendidas para o abismo; seguiu, na queda, uma escota, primeiro com uma mão, depois com a outra, e ficou suspenso. O mar estava por baixo dele a uma altura vertiginosa. O impulso da queda tinha imprimido à escota um violento movimento de baloiço. O homem ia e vinha na extremidade desta corda como a pedra de uma funda.

Ir em seu auxílio era correr um risco aterrador. Nenhum dos marinheiros, todos pescadores da costa recentemente contratados para o serviço, ousou aventurar-se. Entretanto, o infeliz gajeiro fatigava-se; não se podia ver a angústia no seu rosto, mas distinguia-se em todos os membros a sua prostração. Os braços estendiam-se num espasmo horrível. Cada esforço que fazia para subir só servia para aumentar as oscilações da escota. Não gritava com medo de perder a força. Só se aguardava o momento em que largaria a corda e por instantes todas as cabeças se viraram para não o verem cair. Há momentos em que a extremidade de uma corda, um pau, o ramo de uma árvore, é a própria vida, e é uma coisa medonha ver um ser vivo desprender-se e cair como um fruto maduro.

De repente, viu-se um homem que subia pelo cordame com a agilidade de um gato. Este homem estava vestido de vermelho, era um forçado; tinha um chapéu verde, era um forçado perpétuo. Chegado à altura do cesto de gávea, uma rabanada de vento levou-lhe o chapéu e deixou ver uma cabeça toda branca; não era jovem.

Com efeito, o forçado, empregado a bordo com uma corveia⁴ da prisão, tinha desde o primeiro momento corrido ao oficial de quarto e, no meio da confusão e da hesitação da equipagem, enquanto todos os marinheiros tremiam e recuavam, pedira ao oficial autorização para arriscar a vida a fim de salvar o gajeiro. A um sinal afirmativo do oficial, cortara com um golpe de martelo a cadeia rebitada no tornozelo, depois agarrara numa corda, e lançara-se pelo cordame. Ninguém notou naquele instante com que facilidade a cadeia foi quebrada. Só mais tarde isso foi lembrado.

Num abrir e fechar de olhos, encontrava-se em cima da verga. Imobilizou-se alguns segundos e pareceu medi-la com o olhar. Estes segundos, durante os quais o vento balançava o gajeiro na extremidade da corda, pareceram séculos aos que observavam. Finalmente, o forçado levantou os olhos para o céu e deu um passo em frente. A multidão suspendeu a respiração. Viram-no percorrer a verga a correr. Chegado à ponta, atou uma extremidade da corda que tinha levado e deixou cair a outra ponta, e em seguida começou a descer ao longo da corda; e então, no meio de uma angústia inexprimível, em vez de um homem suspenso sobre o abismo, viam-se dois.

Poder-se-ia dizer uma aranha a apanhar uma mosca, mas neste caso a

⁴ Corveia: tarefa obrigatória do presidiário.

aranha levava a vida, e não a morte. Dez mil olhares estavam fixados neste grupo. Nem um grito, nem uma palavra, o mesmo tremor fazia estremecer todas as sobranceiras. Todas as bocas sustinham o hálito, como se receassem acrescentar o menor sopro ao vento que balançava os dois desgraçados.

Entretanto, o forçado conseguira escorregar até perto do marinheiro. Era tempo; um minuto mais, e o homem, contraído e desesperado, deixar-se-ia cair no abismo; o forçado tinha-o amarrado solidamente com a corda a que se segurava com uma mão, enquanto trabalhava com a outra. Por fim, voltou a subir para a verga e puxou o marinheiro; manteve-o ali um instante para o deixar recuperar as forças, depois segurou-o nos braços e levou-o pela verga até à virola, e dali até ao cesto de gávea, onde o deixou nas mãos dos camaradas.

Nesse instante, a multidão aplaudiu; havia velhos beleguins das galés que choravam, as mulheres abraçavam-se no cais, e ouviam-se todas as vozes gritar com uma espécie de furor comovido: «A liberdade para este homem!»

Ele, entretanto, descera imediatamente para voltar à sua corveia. Para chegar mais rapidamente, deixou-se escorregar pelo cordame e pôs-se a correr sobre uma verga baixa. Todos os olhos o seguiam. A certa altura todos sentiram medo; quer por estar cansado, quer por a cabeça lhe andar à roda, parecia que hesitava e que vacilava. Subitamente a multidão deu um grande grito, o forçado acabava de cair no mar.

A queda era perigosa. A fragata *Algeciras* estava fundeada junto do *Orion*, e o pobre condenado tinha caído entre os dois navios. Quatro homens lançaram-se a toda a pressa numa embarcação. A multidão encorajava-os, a ansiedade enchia de novo todas as almas. O homem não voltava à superfície. Tinha desaparecido no mar sem fazer uma onda, como se tivesse caído num tonel de azeite. Sondaram, mergulharam. Tudo foi em vão. Procurou-se até à noite, e nem mesmo o corpo foi encontrado.

No dia seguinte, o jornal de Toulon imprimia estas linhas: «17 de novembro de 1823. — Ontem, um forçado de corveia a bordo do *Orion*, tendo acabado de socorrer um marinheiro, caiu ao mar e afogou-se. Não foi possível encontrar o seu cadáver. Presume-se que tenha ficado preso sob a estacaria da ponta do Arsenal. Este homem estava encarcerado com o número 9430, e chamava-se Jean Valjean.»

III

A TABERNA THÉNARDIER

Montfermeil está situada entre Livry e Chelles, no limite meridional do alto planalto que separa o Ourcq do Marne. Hoje é um burgo bastante desenvolvido, embelezado, todo o ano, por vivendas caiadas e, ao domingo, por

burgueses prazenteiros. Em 1823, não havia em Montfermeil tantas casas brancas nem tantos burgueses satisfeitos. Não passava de uma aldeia nos bosques. Os mercadores de tecido reformados e os procuradores em veraneio ainda não a tinham descoberto. Era um lugar sossegado e encantador, que não estava em nenhum caminho; vivia-se ali, calmamente, aquela vida campesina tão abundante e tão fácil. Só a água rareava, em consequência da altitude do planalto.

Era preciso ir buscá-la muito longe. A extremidade da vila, que fica do lado de Gagny, ia buscar a sua água a magníficos lagos que existem nos bosques; a outra extremidade, que rodeia a igreja e que fica do lado de Chelles, só encontrava água potável numa pequena fonte a meia encosta, perto da estrada de Chelles, a cerca de um quarto de hora de Montfermeil.

Este abastecimento de água era, pois, uma obrigação bastante rude para todas as casas. As grandes famílias, a aristocracia e a taberna Thénardier associavam-se, pagando um real por balde de água a um homem cuja ocupação era esta, e que ganhava com o trabalho cerca de oito soldos por dia; mas o homem só trabalhava até às sete horas da noite, no verão, e até às cinco horas, no inverno; uma vez chegada a noite, uma vez fechados os postigos do rés do chão, quem não tinha água para beber ou a ia buscar, ou passava sem ela.

Era este o terror da pequena Cosette.

Cosette era útil aos Thénardier de duas maneiras, pois se faziam pagar pela mãe, mas faziam-se servir pela criança. Assim, quando a mãe morreu, os Thénardier conservaram Cosette. Servia-lhes de criada. Nesta qualidade, era ela quem corria a buscar água quando necessário. Por isso, a criança, sempre amedrontada com a ideia de ir à fonte à noite, tinha grande cuidado em que a água nunca faltasse em casa.

O Natal de 1823 foi particularmente brilhante em Montfermeil. O início do inverno fora ameno; ainda não havia caído geada nem nevado. Os saltimbancos vindos de Paris tinham obtido autorização da câmara para armarem as suas barracas na rua principal da vila, e um grupo de vendedores ambulantes, com a mesma autorização, havia montado as suas bancas na praça da Igreja e até na ruela do Padeiro, onde ficava a taberna dos Thénardier. Isto enchia os albergues e os botequins emprestavam à pequena e tranquila região uma vida ruidosa e alegre. Podemos mesmo dizer, para sermos fiéis à história, que, entre as curiosidades apresentadas na praça, havia uma tenda na qual palhaços horrorosos, vestidos com farrapos e vindos ninguém sabe de onde, mostravam em 1823 aos camponeses de Montfermeil um daqueles aterrorizantes abutres do Brasil que o nosso museu real só possui desde 1845, e que têm por olho uma roseta tricolor.

Na noite de Natal, vários homens, carroceiros e vendedores ambulantes, estavam sentados e bebiam em redor de quatro ou cinco velas na sala térrea da taberna Thénardier. Esta sala era semelhante a todas as salas de botequim; mesas, jarros de estanho, garrafas, bebedores, fumadores; pouca luz, muito

ruído. A data, ou seja, o ano de 1823, era indicada pelos dois objetos, então em moda na classe burguesa, e que se encontravam em cima de uma mesa, a saber: um caleidoscópio e um candeeiro de folha-de-flandres ondulada. A senhora Thénardier vigiava a ceia que ia assando num bom fogo; o marido Thénardier bebia com os hóspedes e falava de política.

Para além das discussões políticas, que tinham por temas principais a guerra de Espanha e o duque de Angoulême, ouviam-se, entre o ruído das conversas, parêntesis bem locais, como estes:

— Do lado de Nanterre e de Suresnes, o vinho rendeu muito. Contava-se com dez barris e conseguiram-se doze. Todos os lagares se encheram.

— Mas a uva não deveria estar madura?

— Naquelas regiões não é preciso vindimar maduro. Quando se vindima maduro, o vinho engorda antes da primavera.

— E todavia é um vinho fraco? É um vinho ainda mais fraco que por aqui. É preciso que se vindime verde.

Ou então, era um moleiro que exclamava:

— Será que somos responsáveis por aquilo que está nos sacos? Lá dentro encontramos uma quantidade de pequenos grãos que não nos podemos dar ao luxo de separar, e que temos de deixar passar debaixo das mós; é o joio, a luzerna, a orelha-de-mula, a ervilhaca, o cânhamo e uma quantidade de outras porcarias, sem contar com as pedras que abundam em certos trigos, sobretudo nos trigos bretões. Gosto tanto de moer trigo bretão, como os carpinteiros gostam de cortar tábuas com pregos. Semeai má semente, e vereis a colheita. Depois queixam-se da farinha. Não há razão. Não é por nossa culpa.

Num vão, entre duas janelas, um ceifeiro, sentado com um proprietário que ajustava o preço para o trabalho da ceifa a efetuar na primavera, dizia:

— Não faz mal nenhum que o feno esteja molhado. Corta-se melhor. O orvalho é bom, senhor. Mas deixe-me dizer-lhe, este feno, o seu feno, é novo e ainda muito difícil. Quanto mais tenro for, mais escorrega na lâmina da foice.

Cosette estava no seu lugar habitual, sentada na travessa da mesa da cozinha perto da chaminé. Vestia farrapos, tinha os pés nus metidos em tamancos, e tricotava à luz do fogo meias de lã para as pequenas Thénardier. Um gato muito novo brincava debaixo das cadeiras. Ouviam-se rir e tagarelar numa sala vizinha duas frescas vozes de criança; eram Eponine e Azelma, as filhas dos estalajadeiros.

No canto da chaminé, via-se uma palmatória suspensa de um prego.

De tempos a tempos, ouvia-se, por entre o ruído da taberna, o choro de uma criança muito pequena que se encontrava em qualquer lugar da casa. Era o pequeno que a Thénardier tinha dado à luz num dos invernos anteriores («sem saber — como dizia ela —, efeito do frio») e que tinha pouco mais de três anos.

A mãe amamentara-o, mas não gostava dele. Quando o choro obstinado do gaiato se tornava demasiado importuno:

— O teu filho está a piar — gritava Thénardier —; vai ver o que ele quer.

— Bah! — respondia a mãe —, aborrece-me.

E o pequeno abandonado continuava a chorar nas trevas.

Os Thénardier ainda só apareceram neste livro de perfil; chegou o momento de dizer alguma coisa acerca deste casal e de o observar sob todas as suas facetas.

Thénardier acabara de completar cinquenta anos; a senhora Thénardier andava pelos quarenta, o que, nas mulheres, equivale a cinquenta; deste modo, havia equilíbrio de idades entre marido e mulher.

Esta Thénardier, alta, loura, corada, gorda, carnuda, decidida, enorme e ágil, tinha a raça daquelas mulheres-colossos que se curvam nas feiras com lajes penduradas na cabeleira. Fazia tudo na hospedaria — as camas, os quartos, a barrela, a cozinha, a chuva, o bom tempo, o diabo. Tinha Cosette para a ajudar; um rato ao serviço de um elefante. Ao som da sua voz, tudo tremia, os vidros, os móveis e as pessoas. O seu grande rosto, crivado de sardas, assemelhava-se a uma espumadeira. Tinha barba. Era o protótipo de um moço de recados disfarçado de mulher. Praguejava esplendidamente; gabava-se de partir nozes a murro. Não fora os romances que tinha lido, e que, por momentos, faziam reaparecer bizarramente a emoção sob a marafona, nunca passaria pela cabeça de ninguém dizer: é uma mulher. Esta Thénardier era como o produto do enxerto de uma donzela numa peixeira. Quando a ouviam falar, diziam: «É um polícia»; quando a viam beber, comentavam: «É um carroceiro»; quando a viam dar ordens a Cosette, garantiam: «É o carrasco». Quando dormia, saía-lhe um dente da boca.

Thénardier era um homem pequeno, magro, pálido, anguloso, ossudo, enfezado, com ar doente mas sem aparentar fraqueza; a sua velhacaria começava aí. Sorria habitualmente por precaução, e era delicado com quase toda a gente, mesmo com o mendigo a quem recusava uma moeda. Tinha olhar de fuinha e fisionomia de homem de letras. Era muito parecido com os retratos do abade Delille. A sua habilidade consistia em beber com os carroceiros, sem ninguém conseguir embebedá-lo. Fumava um grande cachimbo. Usava blusa, e sob essa blusa uma velha camisola negra. Tinha pretensões à literatura e ao materialismo. Sabia nomes que pronunciava frequentemente, para apoiar tudo o que dizia — Voltaire, Raynal, Parny, e, coisa esquisita, Santo Agostinho. Afirmava ter «um sistema». De resto, um grande vigarista. Um *filousofo*. Há destes cambiantes no mundo. Contava com certa vaidade que, em Waterloo, sendo sargento num 6.º ou 9.º qualquer coisa, sozinho contra um esquadrão de hussardos, havia coberto com o seu corpo e salvo da metralha «um general gravemente ferido». Daí vinha a sua resplandecente insígnia, e o nome de «taberna do sargento de Waterloo» para o seu albergue. Era liberal, clássico e bonapartista. Dizia-se na aldeia que tinha estudado para padre.

Julgamos que estudou simplesmente na Holanda para ser taberneiro. Este tratante da ordem compósita era, segundo todas as probabilidades, um flamengo de Lille na Flandres, francês em Paris, belga em Bruxelas, comodamente entre duas fronteiras. A sua proeza de Waterloo já é conhecida. Como se vê, exagerava um pouco. O fluxo e o refluxo, o meandro, a aventura, eram elemento da sua existência; consciência atormentada é sinónimo de vida desordenada; e certamente, na época agitada do 18 de junho de 1815, Thénardier pertencia à mesma espécie de vivandeiros de que falámos, batendo a estrada, vendendo a estes, roubando àqueles, viajando em família, homem, mulher e crianças, em qualquer carroça de madeira, atrás das tropas em marcha, sempre com a ideia de se juntarem ao exército vitorioso. Terminada esta campanha e tendo, como dizia, «caroço», abriu taberna em Montfermeil.

Este pé-de-meia, formado pelas bolsas e relógios, anéis de ouro e cruzes de prata reunidos na colheita dos campos semeados de cadáveres, não era muito e não levava muito longe o vivandeiro feito taberneiro.

Thénardier tinha não sei quê de retilíneo no gesto que, com um palavrão, faz lembrar a caserna e, com um sinal da cruz, o seminário. Era bom falador. Fazia-se passar por sabedor. No entanto, o mestre-escola notara que ele cometia «erros de pronúncia». Fazia as contas aos viajantes com destreza, mas por vezes encontravam-se-lhe erros de ortografia. Thénardier era manhoso, guloso, ocioso e hábil. Não desdenhava as criadas, e por isso a mulher não as queria. A gigante era ciumenta. Parecia-lhe que o homenzito magro e pálido era objeto da cobiça universal.

Thénardier, acima de tudo homem de astúcia e de equilíbrio, era um patife do género temperado. Esta espécie é a pior, pois lhe acresce a hipocrisia.

Não quer dizer que Thénardier não fosse capaz de se encolerizar, pelo menos tanto como a mulher; mas isso era muito raro, e nesses momentos, como é característica de todo o género humano, ficava pavoroso. Infeliz de quem caísse sob o seu furor!

Para além de todas as suas outras qualidades, Thénardier era atento e penetrante, silencioso ou falador de acordo com a ocasião, e sempre com grande inteligência. Tinha qualquer coisa do olhar dos marinheiros habituados a piscar os olhos nos óculos de longo alcance. Thénardier era um homem de Estado.

Qualquer recém-chegado, ao entrar na taberna, dizia ao ver a Thénardier: «É o patrão da casa.» Errado. Ela nem sequer era a patroa. O patrão e a patroa eram o marido. Ela fazia, ele criava. Ele dirigia tudo com uma espécie de ação magnética invisível e contínua. Bastava-lhe uma palavra, por vezes um sinal; o mastodonte obedecia. O Thénardier era para a Thénardier, sem que ela desse conta disso, uma espécie de ser particular e soberano. Ela tinha as virtudes da sua maneira de ser; nunca estivera em desacordo acerca de um pormenor com o «senhor Thénardier», hipótese de resto inadmissível; nunca desmentira publicamente o marido sobre o que quer que fosse. Nunca cometera «diante de

estranhos» a falta tão frequente nas mulheres, e que se chama, na linguagem corrente: descobrir a careca. Esta montanha de carne e de barulho movia-se sob o dedo do frágil déspota. Era, visto por este prisma grotesco, aquela grande verdade universal: a adoração da matéria pelo espírito; porque certas fealdades têm razão de ser nas próprias profundezas da beleza eterna. Havia algo de desconhecido em Thénardier; daí o império absoluto do homem sobre a mulher. Em certas alturas, ela via-o como uma candeia iluminada; noutros momentos, sentia-o como um espinho.

A mulher era uma criatura formidável que só amava os filhos e só receava o marido. Era mãe, porque era mamífera. De resto, a sua maternidade limitava-se às filhas e, como se verá, não se estendia aos rapazes. Ele, o homem, só tinha um pensamento: enriquecer.

Não o conseguia. Faltava a este grande talento um teatro digno. Thénardier arruinava-se em Montfermeil, se a ruína é possível no nada; na Suíça ou nos Pirenéus, o sem-vintém ter-se-ia tornado milionário.

Neste mesmo ano de 1823, Thénardier tinha dívidas no valor de mil e quinhentos francos, o que o atormentava.

Fosse qual fosse a injustiça persistente do destino para com ele, Thénardier era um dos homens que compreendia melhor, com maior profundidade e da maneira mais moderna, esta coisa que é uma virtude entre os povos bárbaros e um negócio entre os povos civilizados — a hospitalidade. Tinha um certo rir frio e tranquilo, que era particularmente perigoso.

As suas teorias de estalajadeiro saíam-lhe por vezes em rasgos. Tinha aforismos profissionais que inseria no espírito da mulher.

— O dever do estalajadeiro — dizia-lhe um dia, violentamente e em voz baixa — é vender ao recém-chegado comida, repouso, luz, fogo, lençóis sujos, pulgas, sorrisos; deter os viajantes, esvaziar as pequenas bolsas e aliviar honestamente as grandes, abrigar com respeito as famílias em viagem, barbear o homem, pentear a mulher, lavar o filho; estipular o preço da janela aberta, da janela fechada, do canto da chaminé, do sofá, da cadeira, do banco, da cama de penas, do cobertor e da almofada; saber quanta sombra utiliza o espelho e tarifá-la, e, com mil diabos, fazer o viajante pagar tudo, até as moscas que o cão come!

Este homem e esta mulher formavam um casal odioso e terrível.

Enquanto o marido ruminava e magicava, a Thénardier não pensava nos credores ausentes, não se preocupava nem com o dia de hoje nem com o de amanhã, e vivia com arrebatamento cada instante presente.

Assim eram estes dois seres. Cosette vivia entre eles, sofrendo a sua dupla pressão, como uma criatura que fosse ao mesmo tempo esmagada por uma mó e retalhada por uma tenaz. O homem e a mulher tinham, cada um, um feitio diferente; Cosette estava moída de pancada, fora a mulher; andava de pés nus no inverno, era o marido.

Cosette subia, descia, lavava, escovava, esfregava, varria, corria, esfalfava-se, arquejava, deslocava coisas pesadas e, com toda a sua fragilidade, fazia os piores trabalhos. Não havia piedade; uma patroa selvagem, um patrão venenoso. A taberna Thénardier era como uma torre em que Cosette estava presa. O ideal da opressão tinha sido realizado por esta domesticidade sinistra. Era qualquer coisa como a mosca servidora das aranhas.

A pobre criança, passiva, calava-se.

Tinham chegado quatro novos viajantes.

Cosette meditava tristemente, pois, embora tivesse apenas oito anos, já sofrera tanto que cogitava com o ar lúgubre de uma velha.

Tinha a pálpebra negra, de um murro que a Thénardier lhe aplicara, o que fazia a mulher dizer de tempos a tempos: «Como está feia com o borrão no olho!»

Cosette pensava que era noite, noite fechada, que era preciso encher os jarros e as garrafas nos quartos dos viajantes recém-chegados, e que já não havia água na talha.

O que a sossegava um pouco era o facto de não se beber muita água na casa Thénardier. Não faltavam ali pessoas com sede; mas era aquela sede que se dirige mais ao jarro do que à bilha. Quem pedisse um copo de água no meio de todos aqueles copos de vinho, pareceria um selvagem a todos aqueles homens. Houve, porém, um momento em que a criança tremeu: a Thénardier levantou a tampa de uma caçarola que fervia em cima do fogão, depois pegou num copo e aproximou-se rapidamente da talha. Rodou a torneira; a criança tinha levantado a cabeça e seguia-lhe todos os movimentos. Um ténue fio de água saiu da torneira e encheu metade do copo.

— Bolas, já não há água!

Manteve-se um momento em silêncio. A criança não respirava.

— Bah! — continuou a Thénardier, examinando o copo meio cheio —, há de chegar.

Cosette voltou ao seu trabalho, mas durante mais de um quarto de hora sentiu o coração saltar como um grande floco no peito. Contava os minutos que passavam e desejaria bastante estar já na manhã seguinte.

De quando em quando, um dos bebedores olhava para a rua e exclamava: «Está escuro como num forno!» ou: «É preciso ser gato para ir para a rua sem lanterna e esta hora!» E Cosette tremia.

De repente, um dos mercadores de feira que estava instalado no albergue entrou e disse com voz dura:

— Não deram de beber ao meu cavalo.

— Deram, com certeza — respondeu a Thénardier.

— Estou a dizer-lhe que não, senhora — replicou o mercador.

Cosette saíra de sob a mesa.

— Oh! sim! senhor! — confirmou ela. — O cavalo bebeu, bebeu no balde, o balde cheio, e fui eu própria quem lhe deu de beber.

— Ora vejam, como é tão pequena e mente tanto! — exclamou o mercador. — Digo-te que não bebeu, pequena doidinha! Tem uma maneira de resfolegar, quando sente sede, que eu conheço bem.

Cosette persistiu, e acrescentou com voz abafada pela angústia, e que mal se ouvia:

— Estava muito cansado! Bebeu muito!

— Vamos — replicou o mercador, encolerizado —, isso não interessa: deem de beber ao cavalo, e acabemos com isto!

Cosette voltou para debaixo da mesa.

— De facto, é justo — concordou a Thénardier —; se o animal não bebeu, é preciso que beba.

Em seguida, olhando em redor:

— É boa, então onde se meteu aquela?

Inclinou-se e descobriu Cosette agachada na outra extremidade da mesa, quase sob os pés dos bebedores.

— Vens ou não? — gritou a Thénardier.

Cosette saiu da espécie de covil onde se escondera. A Thénardier continuou:

— Miúda, cadela sem nome, vai dar de beber ao cavalo.

— Mas, senhora — balbuciou Cosette —, não há água.

A Thénardier abriu a porta da rua.

— Pois bem, vai buscá-la!

Cosette baixou a cabeça e foi buscar um balde vazio que estava ao canto da chaminé. O balde era maior do que ela, e a criança poderia ter-se sentado dentro dele.

A Thénardier voltou ao seu fogão e provou com uma colher de madeira o que estava na caçarola, ao mesmo tempo que resmungava:

— Na fonte há muita. Se já se viu uma coisa destas. O que ela precisava sei eu.

Depois meteu a mão numa gaveta onde tinha algum dinheiro de cobre, pimenta e alhos.

— Toma, minha lesma — acrescentou —; à volta trazes um pão grande do padeiro. Aqui tens uma moeda de quinze soldos.

Cosette pegou na moeda sem dizer uma palavra e meteu-a na algibeira do avental.

Em seguida, ficou imóvel, com o balde na mão, diante da porta aberta. Parecia esperar que alguém viesse em seu socorro.

— Vais ou não vais? — gritou a Thénardier.

Cosette saiu. A porta voltou a fechar-se.

COSETTE E O DESCONHECIDO

A fileira de barracas que partia da igreja estendia-se, como se recordam, até à estalagem Thénardier. Como daí a pouco iam passar os habitantes da aldeia para a missa do galo, as barracas estavam todas iluminadas com velas acesas em cartuchos de papel, o que, como dizia o mestre-escola de Montfermeil, sentado nesse momento a uma mesa da taberna Thénardier, fazia «um efeito mágico». Pelo contrário, não se via uma estrela no céu.

A última destas barracas, situada precisamente em frente da porta dos Thénardier, era um mostruário de quinquilharias, resplandecente de bijutarias, avelórios e magníficos objetos de folha. Na primeira prateleira, o feirante colocara, sobre fundo de toalhas brancas, uma enorme boneca de dois pés de altura com um vestido de crepe cor-de-rosa, com espigas douradas na cabeça, cabelos naturais e olhos de esmalte. Durante todo o dia, tal maravilha estivera exposta ao deslumbramento dos transeuntes com menos de dez anos, sem que em Montfermeil se tivesse encontrado uma mãe suficientemente rica, ou assaz pródiga, para a dar à filha. Eponine e Azelma tinham passado horas a contemplá-la, e até a própria Cosette, furtivamente, é verdade, ousara olhá-la.

No momento em que Cosette saiu, com o balde na mão, apesar de acobrunhada e triste, não pôde deixar de levantar os olhos para aquela prodigiosa boneca, para a *senhora*, como ela lhe chamava. A pobre criança parou petrificada, pois ainda não tinha visto a boneca de perto. Toda a barraca lhe parecia um palácio, e a boneca não era uma boneca, era uma visão. Era a alegria, o esplendor, a riqueza, a felicidade, que apareciam numa espécie de irradiação quimérica a este infeliz entezinho tão profundamente absorvido numa miséria fúnebre e fria. Cosette media com aquela sagacidade ingénua e triste da infância o abismo que a separava daquela boneca. Dizia para consigo que era preciso ser rainha ou, pelo menos, princesa para ter uma «coisa» como aquela. Contemplava o belo vestido cor-de-rosa, os belos cabelos lustrosos, e pensava: «Como aquela boneca deve ser feliz!» Os seus olhos não podiam afastar-se da fantástica barraca. Quanto mais olhava, mais se deslumbrava. Julgava ver o paraíso. Havia outras bonecas por trás da grande, que lhe pareciam fadas e génios. O negociante, que andava de um lado para o outro no fundo da barraca, parecia-lhe o Padre Eterno.

Naquela adoração, a pobre criança esquecia mesmo o trabalho de que fora encarregada. De repente, a voz rude da Thénardier chamou-a à realidade:

— Pois ainda não foste, serigaita! Espera que eu te digo! Sempre gostava que me disseses o que estás aí a fazer! Põe-te a andar, monstrozinho!

A Thénardier tinha dado uma olhadela para a rua e avistara Cosette no seu êxtase.

Cosette fugiu, com o balde, caminhando tão depressa quanto podia.

Como a estalagem Thénardier ficava na parte da aldeia próxima da igreja, era à fonte do bosque, situada para o lado de Chelles, que Cosette tinha de ir buscar água.

Não tornou a olhar para nenhuma barraca. Até passar o beco do Padeiro e os arredores da igreja, as barracas iluminadas alumiam-lhe o caminho, mas em breve o derradeiro clarão da última barraca desapareceu, e a pobre criança achou-se na escuridão. Continuou a caminhar no escuro e, como se apossava dela uma certa emoção, agitava o mais que podia a asa do balde. Esse movimento produzia um ruído que lhe servia de companhia.

Quanto mais andava, mais densas se tornavam as trevas. Já não havia ninguém nas ruas. Porém, encontrou uma mulher que se voltou ao vê-la passar, e que ficou imóvel, murmurando por entre dentes:

— Mas onde irá esta criança? Será um lobisomem?

Depois, a mulher reconheceu Cosette.

— Olha, é a Cotovia!

Cosette atravessou assim o labirinto de ruas tortuosas e desertas em que termina a aldeia de Montfermeil para o lado de Chelles. Enquanto teve casas ou mesmo só muros dos dois lados do caminho, andou afoita. De vez em quando, via o clarão de uma vela pelas fendas de uma janela, o que para ela era luz e vida, pois havia ali gente, e essa ideia tranquilizava-a. Entretanto, à medida que caminhava, o seu passo abrandava, como que maquinalmente. Ao contornar a esquina da última casa, parou. Passar além da última barraca fora difícil, mas ir para além da última casa tornava-se-lhe impossível. Pousou o balde no chão, meteu a mão entre os cabelos e pôs-se a coçar lentamente a cabeça, gesto próprio das crianças aterrorizadas e indecisas. Já não era Montfermeil, eram os campos. Tinha à sua frente o espaço negro e deserto. Olhou com desespero para aquela escuridão onde já não havia ninguém, onde havia animais e, talvez, almas do outro mundo. Observou melhor e viu os animais passearem sobre as ervas, e viu distintamente as almas do outro mundo a agitarem-se nas árvores. Então, voltou a pegar no balde; o medo dava-lhe audácia: «Bah!, direi que já não havia água!»

E voltou a entrar resolutamente em Montfermeil.

Mal tinha dado cem passos, parou de novo e pôs-se a coçar a cabeça. Agora era a Thénardier que lhe aparecia; a Thénardier, medonha com a sua boca de hiena e a cólera chamejante nos olhos. A criança deitou um olhar lamentoso para a frente e para trás. Que fazer? Que expediente tomar? Onde ir? À sua frente o espectro da Thénardier; atrás, todos os fantasmas da noite e dos bosques. Foi diante da Thénardier que recuou. Voltou a tomar o caminho da fonte e desatou a correr. Saiu da aldeia e entrou no bosque sempre a correr, sem olhar para coisa nenhuma, sem escutar nada. Só parou de correr quando lhe faltou a respiração, mas não deixou de andar. Andava para a frente, desvairada.

Enquanto corria, sentia vontade de chorar.

O estremecimento noturno da floresta envolvia-a completamente. Já não pensava nem via. A este entezinho fazia frente a noite imensa. De um lado, toda a escuridão; do outro, um átomo.

Da orla do bosque à fonte não eram mais que sete ou oito minutos de caminho, que Cosette conhecia por o ter percorrido muitas vezes durante o dia. Coisa estranha, não se perdeu. Conduzida vagamente por uma réstia de instinto, não olhava nem para a direita nem para a esquerda, com receio de ver coisas estranhas nos ramos das árvores e nas moitas. Chegou assim à fonte.

Era um pequeno tanque natural, com cerca de dois pés de profundidade, cavado pela água num terreno argiloso, cercado de musgos e daquelas ervas que, pelos seus rendilhados, são chamadas golas de Henrique IV, e forrado com grandes pedras. Dele corria um regatozinho, com um sussurrar tranquilo.

Cosette nem parou para respirar. A noite estava muito escura, mas ela habituara-se a ir àquela fonte. Procurou com a mão esquerda na escuridão um carvalho novo que se debruçava sobre a fonte e que habitualmente lhe servia de ponto de apoio, encontrou um ramo, agarrou-se a ele, inclinou-se e mergulhou o balde na água. O momento era de tal emoção que lhe triplicaram as forças. Enquanto estava inclinada não reparou que a moeda de quinze soldos se escapou do bolso do avental e caiu à água. Cosette não a viu, nem a ouviu cair. Retirou o balde quase cheio e pousou-o na erva.

Feito isto, apercebeu-se de que estava extenuada. Bem desejaria voltar a partir imediatamente, mas o esforço despendido a encher o balde fora tal, que lhe era impossível dar um passo, e foi obrigada a sentar-se. Deixou-se cair sobre a erva e ali ficou agachada. Fechou os olhos, depois voltou a abri-los, mas sem poder evitar esse movimento.

A seu lado, a água agitada no balde fazia círculos que se assemelhavam a serpentes de fogo branco.

Por cima da sua cabeça, o céu estava coberto por grandes nuvens negras, que eram como paredes de fumo. A trágica máscara da escuridão parecia inclinar-se vagamente sobre a criança.

Júpiter mergulhava nas profundezas.

A criança olhava alucinada para aquela grande estrela que não conhecia e que lhe fazia medo. Com efeito, o planeta estava naquele momento muito perto do horizonte e atravessava uma névoa espessa que lhe dava um tom vermelho, horrível. A bruma, lugubrememente purpureada, tornava maior o astro. Dir-se-ia uma chaga luminosa.

Soprava da planície uma aragem fria. O bosque estava envolvido por uma obscuridade tenebrosa, sem qualquer rumor das folhas, sem nenhum daqueles vagos e frescos clarões do estio. Os grandes ramos desenhavam-se medonhamente. Os silvados definhados e disformes silvavam nas clareiras. As ervas altas formigavam como enguias, devido ao vento. As silvas torciam-se como longos

braços armados de garras, procurando agarrar as presas; algumas urzes secas, impelidas pelo vento, passavam rapidamente, parecendo fugir assustadas a qualquer coisa que se aproximava. De todos os lados havia lúgubres amplidões.

A escuridão é vertiginosa. O homem precisa de claridade. Quem quer que se embrenhe no oposto ao dia sente o coração apertado. Quando os olhos veem escuro, o coração vê perturbação. No eclipse, na noite, na opacidade fuliginosa, até os mais fortes sentem ansiedade. Ninguém caminha de noite, sozinho, pela floresta, sem tremer. Sombras e árvores são duas espessuras temíveis. Na profundidade indistinta aparece uma realidade quimérica. O inconcebível esboça-se a poucos passos de nós com uma nitidez espectral. Vê-se flutuar no espaço ou no próprio cérebro, não sei o quê de vago e de impalpável, como os sonhos das flores adormecidas. O horizonte toma atitudes ferozes. Aspiram-se os eflúvios do grande vazio negro. Tem-se simultaneamente medo e desejo de olhar para trás. Encontramo-nos sem defesa contra as profundezas da noite, contra as coisas que se tornam selvagens, contra os perfis taciturnos que se dissipam quando se avança, contra os vultos desgrenhados, contra as montanhas irritadas, os charcos lívidos, contra o lúgubre refletido no fúnebre, contra a imensidade sepulcral do silêncio, contra os possíveis seres desconhecidos, contra o misterioso debruçar dos ramos, contra o terrível torcer das árvores, contra os grandes punhados de ervas que se agitam. Não há ousadia que não trema e não se sinta nas vizinhanças da angústia. Experimenta-se qualquer coisa de pavoroso, como se a alma se amalgamasse com a escuridão. Esta penetração das trevas é inexprimivelmente sinistra numa criança.

As florestas são apocalipses; o bater de asas de uma alma pequenina produz um ruído de agonia sob a sua abóbada monstruosa. Sem ter consciência do que experimentava, Cosette sentia-se possuída por esta grandeza escura da natureza. Já não era apenas terror que se apossava dela, era qualquer coisa mais terrível ainda que o terror. A criança tremia. Não há palavras para exprimir o que tinha de estranho aquele tremor que a gelava até ao fundo do coração. O seu olhar tinha-se tornado selvagem. Julgava sentir que talvez não pudesse deixar de voltar ali no dia seguinte à mesma hora.

Então, por uma espécie de instinto, para sair daquele estado singular que não compreendia, mas que a assustava, começou a contar em voz alta, um, dois, três, quatro, até dez, e, quando acabou, recomeçou. Isto restituiu-lhe a verdadeira percepção das coisas que a rodeavam. Sentiu as mãos frias, pois tinha-as molhado ao mergulhar o balde na água. Levantou-se. Tinha-lhe voltado: o medo, um medo natural e insuperável. Só pensava numa coisa, fugir; fugir a toda a pressa, pelos bosques, pelos campos, até às casas, até às janelas, até às velas acesas. O seu olhar fixou-se no balde que tinha diante de si. Tal era o medo que a Thénardier lhe inspirava que não ousou fugir sem o balde de água. Pegou na asa com as duas mãos, mas custou-lhe a levantar o balde.

Deu assim uma dúzia de passos, mas o balde estava cheio e era pesado, e

a criança viu-se obrigada a pousá-lo outra vez no chão. Tomou fôlego, depois voltou a levantar a asa e continuou a andar, desta vez por mais algum tempo. Mas teve de tornar a parar. Alguns segundos de repouso, e partiu de novo. Caminhava vergada para a frente, com a cabeça baixa, como uma velha. O peso do balde distendia e inteiriçava-lhe os magros braços. A asa de ferro fazia-lhe entorpecer e gelar as mãozitas molhadas; de tempos a tempos era forçada a parar, e cada vez que parava a água fria que transbordava do balde caía-lhe sobre as pernas nuas. Tudo isto se passava no fundo de um bosque, de noite, no inverno, longe de todas as vistas humanas; era uma criança de oito anos. Só Deus, neste momento, via o triste espetáculo.

E, sem dúvida, a mãe! Há coisas que fazem abrir os olhos aos mortos nos seus túmulos.

Respirava com uma espécie de estertor doloroso; os soluços apertavam-lhe a garganta, mas não ousava chorar, de tal forma receava a Thénardier, mesmo longe. Tinha por hábito proceder sempre como se estivesse perto da Thénardier.

Entretanto, daquele modo não podia andar muito, e por isso avançava lentamente. Debalde diminuía a duração das paragens, caminhando entre uma e outra o mais que podia, enquanto pensava com angústia que levaria mais de uma hora para regressar a Montfermeil, e que a Thénardier lhe bateria. Esta angústia misturava-se com o terror de se ver sozinha, de noite, no meio do bosque. Estava extenuada e ainda não tinha saído da floresta. Chegada junto de um velho castanheiro que conhecia, fez uma última paragem, mais longa do que as outras, para descansar; depois, reuniu todas as suas forças, tornou a pegar no balde e pôs-se de novo a caminho, corajosamente. Todavia, a pobre criança desesperada não pôde deixar de exclamar:

— Oh, meu Deus!!

Nesse momento, sentiu que subitamente o balde deixara de pesar. Uma mão, que lhe pareceu enorme, acabava de pegar na asa, levantando-a vigorosamente. Cosette ergueu a cabeça. Uma grande forma negra, direita e de pé, caminhava a seu lado, na escuridão. Era um homem que se tinha aproximado por trás, a quem não sentira chegar. Sem dizer uma palavra, o homem pegara na asa do balde que Cosette transportava.

Há instintos para todos os encontros da vida. A criança não teve medo!

Na tarde daquele mesmo dia de Natal de 1823, um homem passeou durante muito tempo na parte mais deserta da avenida do Hospital, em Paris. Este homem tinha o ar de quem procura alojamento, e parecia parar de preferência junto das casas mais modestas desta extremidade arruinada do bairro de Saint-Marceau.

Veremos mais adiante que este homem tinha, com efeito, alugado um quarto no isolado bairro.

Tanto no seu vestuário como em toda a sua pessoa, este homem denunciava o tipo do que se poderia chamar o mendigo de boa aparência, a extrema

miséria combinada com a extrema limpeza. É uma combinação bastante rara, que inspira aos corações inteligentes o duplo respeito que se sente pelo que é muito pobre e ao mesmo tempo muito digno. Tinha um chapéu redondo muito velho e coçado, um casacão de tecido cor de ocre gasto até ao fio — cor que nada tinha de extravagante naquela época —, um grande colete com bolsos de forma secular, calções negros que se tinham tornado cinzentos nos joelhos, meias de lã preta e grossos sapatos com fivelas de cobre. Dir-se-ia um antigo preceptor de qualquer casa nobre, regressado da emigração. Os cabelos completamente brancos, a fronte enrugada, os lábios lívidos, o rosto em que tudo respirava acabrunhamento e cansaço da vida faziam supor que tinha mais de sessenta anos. Porém, ao ver o seu andar firme, embora lento, o singular vigor que emprestava a todos os seus movimentos, dar-lhe-iam apenas cinquenta. As rugas da fronte estavam bem colocadas e teriam inclinado em seu favor quem o observasse com atenção. Os lábios contraíam-se-lhe com uma ruga estranha, que parecia severa e que era humilde. Havia, no fundo do olhar, uma certa serenidade lúgubre. Trazia na mão esquerda um pequeno embrulho atado com um lenço, e, com a direita, apoiava-se numa espécie de cajado cortado numa sebe. Este cajado fora trabalhado com certo cuidado, e não tinha muito mau aspeto; quem o fizera tirara proveito dos nós, imitando um botão de coral com lacre vermelho; era um cajado, mas parecia uma bengala.

Há poucos transeuntes naquela avenida, sobretudo no inverno. No entanto, o homem, bem que sem afetação, parecia mais evitá-los do que procurá-los.

Naquela época, o rei Luís XVIII ia quase todos os dias a Choisy-le-Roi. Era um dos seus passeios favoritos. Cerca das duas horas, quase invariavelmente, via-se a carruagem e a cavalcada real passarem a toda a brida na avenida do Hospital.

Isto servia de relógio aos pobres do bairro que diziam: «São duas horas, lá vai o rei para as Tulherias.»

Uns corriam, outros perfilavam-se, porque a passagem de um rei é sempre um tumulto. Na realidade, o aparecimento e desaparecimento de Luís XVIII produzia certo efeito nas ruas de Paris. Era um acontecimento rápido, mas majestoso. O impotente rei gostava do galope; não podendo andar, queria correr; de bom grado o estropiado se faria arrastar pelo relâmpago. Passava, pacífico e severo, pelo meio dos sabres desembainhados. A sua berlina maciça, toda dourada, com grandes flores-de-lis pintadas nas portinholas, rolava ruidosamente. Mal havia tempo para dar uma olhadela. No ângulo do fundo, à direita, em almofadas acolchoadas de cetim branco, via-se um rosto largo, firme e vermelho, empoadado como ave real, um olhar altivo, duro e fino, um sorriso de letrado, duas grandes dragonas de retrós sobre uma casaca burguesa, o Tosão de Ouro, a cruz de São Luís, a placa de prata do Espírito Santo, a cruz da Legião de Honra, uma grande barriga e um grosso cordão azul; era o rei. Fora de Paris, colocava o seu chapéu de plumas brancas sobre os joelhos, cobertos por altas

polainas inglesas; quando entrava na cidade, voltava a colocá-lo na cabeça, saudando pouco. Olhava friamente para o povo, que lhe retribuía da mesma maneira. Quando apareceu pela primeira vez no bairro de Saint-Marceau, todo o seu êxito se resumiu na frase de um habitante do local a um vizinho:

— Aquele gordo é que é o governo!

Esta infalível passagem do rei à mesma hora era, pois, o acontecimento quotidiano da avenida do Hospital.

O transeunte de casacão amarelo não era, evidentemente, do bairro, nem provavelmente de Paris, pois ignorava este pormenor. Quando, às duas horas, a carruagem real desembocou na avenida, depois de ter dobrado a Salpêtrière, rodeada por um esquadrão de guardas do corpo, agaloados de prata, pareceu surpreendido e quase assustado. Só ele se encontrava na álea lateral, e apressou-se a perfilar-se atrás de uma esquina da parede de circunvalação, o que não obstou a que o duque de Havre o visse. Na sua qualidade de capitão dos guardas de serviço naquele dia, o duque de Havre estava sentado na carruagem, defronte do rei.

— Ali está um homem que não tem muito boa cara — disse ele a Sua Majestade. Os agentes da polícia que abriam passagem ao rei também repararam nele, e um deles recebeu ordem para o seguir. Todavia, o homem embrenhou-se nos becos solitários do bairro, e como o dia começava a declinar, o agente perdeu-lhe o rasto, como ficou registado num relatório dirigido nessa mesma noite ao conde de Anglès, ministro de Estado, e então prefeito da Polícia.

Logo que despistou o agente, o homem do casacão amarelo apressou o passo, não sem se voltar muitas vezes para trás, a fim de se assegurar de que não era seguido. Às quatro horas e um quarto — ou seja, ao cair da noite —, passava em frente do teatro da porta de Saint-Martin, onde nesse dia se representava *Os Dois Forçados*. O cartaz, iluminado pelos lampiões do teatro, impressionou-o, pois embora caminhasse com rapidez, parou para ler. Um instante depois estava no beco da Planchette e entrava no Prato de Estanho, onde então estava instalado o escritório da diligência de Lagny, a qual partia às quatro e meia. Os cavalos já estavam atrelados, e os passageiros, chamados pelo cocheiro, trepavam a toda a pressa a alta escada de ferro da carruagem.

— Tem algum lugar vago? — perguntou o homem.

— Só um, aqui ao meu lado, neste assento — respondeu o cocheiro.

— Ocupo-o.

— Suba.

Porém, antes de partir, o cocheiro deitou um olhar para o medíocre vestuário do viajante, para a sua reduzida bagagem, e exigiu o pagamento adiantado.

— Vai até Lagny? — perguntou o cocheiro.

— Vou — disse o homem.

O viajante pagou até Lagny, e a diligência partiu.

Quando passaram a barreira, o cocheiro tentou entabular conversa, mas o viajante só respondeu por monossílabos, e o cocheiro preferiu assobiar

e praguejar aos cavalos. Fazia frio, e o condutor embrulhou-se no capote. O viajante não parecia preocupar-se com o frio. Atravessou-se assim Gournay e Neuilly-sur-Marne.

Cerca das seis horas, a diligência chegou a Chelles. O cocheiro parou para deixar resfolegar os cavalos, diante da estalagem dos carreteiros, instalada nos antigos edifícios da Abadia Real.

— Desço aqui — disse o homem.

Pegou no embrulho e no cajado e saltou da diligência. Daí a um instante tinha desaparecido, sem ter entrado na estalagem.

Quando, passados alguns minutos, a diligência seguiu para Lagny, já não o encontrou na estrada real de Chelles.

O cocheiro voltou-se para os passageiros do interior, e comentou:

— Este homem não é daqui, pois não o conheço. Parece um pobretão, mas não tem amor ao dinheiro; paga até Lagny e vem só até Chelles. É noite, as casas estão todas fechadas, não entrou na estalagem e não o encontramos na estrada. Decerto se meteu pela terra dentro.

O homem não se tinha metido pela terra dentro, mas tinha atravessado a toda a pressa, no meio da escuridão, a rua principal de Chelles; depois, virara à esquerda, antes de chegar à igreja, para o caminho vicinal que leva a Montfermeil, como se já conhecesse a região ou já por ali tivesse passado.

Seguiu este caminho rapidamente e, no local onde ele é cortado pela antiga estrada ladeada de árvores que vai de Gagny a Lagny, ouviu passos que se aproximavam. Escondeu-se precipitadamente num valado e esperou aí que as pessoas que passavam se afastassem. A precaução era, aliás, quase supérflua, pois, como, já dissemos, era uma noite de dezembro escura, e viam-se apenas duas ou três estrelas no céu.

É naquele ponto que começa a encosta da colina. O homem não entrou pelo caminho de Montfermeil; tomou à direita, através dos campos, e encaminhou-se apressadamente para o bosque.

Chegado ali, afrouxou o passo, e pôs-se a observar cuidadosamente todas as árvores, avançando passo a passo, como se procurasse e seguisse um caminho misterioso só dele conhecido. A certa altura pareceu ter-se perdido e parou indeciso. Por fim, de apalpadela em apalpadela, chegou a uma clareira onde havia um montão de enormes pedras esbranquiçadas, para as quais se dirigiu com vivacidade, examinando-as com atenção através da obscuridade da noite, como se as passasse em revista. Em seguida, dirigiu-se a uma árvore — coberta daquelas excrescências que são as verrugas da vegetação — que se encontrava a alguns passos, e passou a mão pela casca do tronco, como se procurasse reconhecer e contar todas as verrugas.

Em frente desta árvore, que era um freixo, havia um castanheiro com um pedaço descascado, onde tinham pregado, como penso para esta ferida, uma chapa de zinco. O homem levantou-se na ponta dos pés e tocou nesta chapa.

Depois bateu com o pé no chão durante algum tempo no espaço compreendido entre a árvore e as pedras, como para se assegurar de que a terra não tinha sido removida recentemente.

Feito isto, orientou-se e retomou a caminhada pelo bosque.

Era este homem que acabava de se encontrar com Cosette.

Ao caminhar pelo mato na direção de Montfermeil, tinha divisado aquela pequenina sombra que se movia com um gemido, que pousava um objeto pesado no chão, e que depois lhe voltava a pegar, continuando o caminho. Tinha-se aproximado e reconhecera que era uma criança carregada com um enorme balde de água. Então, encaminhou-se para a criança e pegou silenciosamente na asa do balde.

Como já dissemos, Cosette não teve medo. O homem dirigiu-lhe a palavra com uma voz grave e quase baixa:

— Minha filha, o que levas é demasiado pesado para ti.

Cosette levantou a cabeça e respondeu:

— É sim, senhor.

— Dá-mo então — tornou o homem —, eu levo-o.

Cosette largou o balde e o homem começou a caminhar a seu lado.

— É muito pesado, na verdade — disse ele entre dentes; e depois acrescentou: — Que idade tens, pequena?

— Oito anos, senhor.

— E vens de muito longe?

— Da fonte que fica no bosque.

— E vais para longe?

— Fica a um bom quarto de hora daqui.

O homem esteve um momento sem falar e depois disse bruscamente:

— Então não tens mãe?

— Não sei — respondeu a criança.

Antes que o homem tivesse tempo de retomar a palavra, acrescentou:

— Julgo que não. As outras têm, mas eu não. — E, depois de uma pausa, prosseguiu — Eu julgo que nunca tive.

O homem parou, pousou o balde no chão, baixou-se e pôs as mãos nos ombros da criança, tentando examiná-la e ver-lhe o rosto na escuridão. O rosto magro e débil de Cosette desenhava-se vagamente ao lívido clarão do céu.

— Como te chamas? — perguntou o homem.

— Cosette.

O homem teve como que um choque elétrico. Observou-a outra vez, tirou as mãos dos ombros de Cosette, pegou no balde e continuou a caminhar.

Ao fim de um instante, perguntou:

— Onde moras, pequena?

— Em Montfermeil, não sei se conhece.

— É para lá que vamos?

— Sim, senhor.

O homem fez ainda outra pausa, e depois recomeçou:

— Então quem te mandou a esta hora buscar água ao bosque?

— Foi a senhora Thénardier.

O homem replicou num tom de voz que tentava tornar indiferente, mas em que, todavia, havia um tremor singular.

— Quem é essa senhora Thénardier?

— É a minha patroa — respondeu a criança —; a dona da estalagem.

— Da estalagem? — inquiriu o homem. — Pois bem, vou lá pernoitar.

Ensina-me o caminho.

— Vamos para lá — disse a criança.

O homem caminhava bastante depressa, mas Cosette seguia-o sem esforço e já sem sentir cansaço. De vez em quando, erguia os olhos para o homem com uma espécie de tranquilidade e de abandono inexprimíveis. Nunca ninguém lhe ensinara a voltar-se para a Providência e a rezar. No entanto, sentia algo em si que se assemelhava à esperança e à alegria, e esse algo dirigia-se para o céu.

Decorridos alguns minutos, o homem recomeçou:

— Então, a senhora Thénardier não tem criada?

— Não, senhor.

— És só tu?

— Sim, senhor.

Houve ainda uma interrupção, depois da qual Cosette elevou a voz:

— Quer dizer, há lá duas meninas.

— Que meninas?

— Popine e Zelma.

A criança simplificava assim estes nomes romanescos tão caros à estalajadeira.

— Que é isso de Popine e Zelma?

— São as meninas da senhora Thénardier, como quem diz, as filhas dela.

— E que fazem elas?

— Ó! — respondeu a criança —, têm belas bonecas, coisas feitas de ouro, tudo o que querem. Brincam, divertem-se.

— Todo o dia?

— Sim, senhor.

— E tu?

— Eu, trabalho.

— Todo o dia?

A criança ergueu os seus grandes olhos, onde havia uma lágrima que não se via por causa da escuridão, e respondeu docemente:

— Sim, senhor. — E prosseguiu depois de um intervalo de silêncio: — Por vezes, quando acabo o serviço e me deixam, também brinco.

— E com que brincas?
— Com o que posso. Ninguém se importa. Mas não tenho muitos brinquedos. Popine e Zelma não querem que eu brinque com as bonecas delas. Só tenho uma pequena espada de chumbo, mas não é maior do que isto.
E a criança mostrou o dedo mínimo.
— E que não corta?
— Corta sim, senhor — asseverou a criança —, corta a salada e as cabeças das moscas.

Chegaram à aldeia e Cosette guiou o estranho pelas ruas. Passaram em frente do padeiro, mas Cosette não se lembrou do pão que tinha de levar. O homem deixara de lhe fazer perguntas e guardava um silêncio triste. Quando passaram a igreja, o homem, vendo todas aquelas barracas ao ar livre, perguntou a Cosette:

— Então há feira aqui?
— Não, senhor, é o Natal.

Ao aproximarem-se da estalagem, Cosette tocou-lhe timidamente no braço.

— Senhor?
— Que é, minha filha?
— Estamos perto de casa.
— E então?
— Faz favor de me deixar pegar agora no balde?
— Porquê?
— Porque, se a patroa vê que mo trouxe, bate-me.

O homem deu-lhe o balde, e um instante depois estavam à porta da taberna.

V

UM POBRE QUE TALVEZ SEJA RICO

Cosette não pôde deixar de olhar de lado para a grande boneca ainda exposta no quinquilheiro, e em seguida bateu à porta. Esta abriu-se e apareceu a Thénardier com uma vela na mão.

— Ah! és tu, diabrete! Graças a Deus, levou tempo! Ficou a brincar, a sonsa!
— Senhora — atalhou Cosette a tremer —, este senhor vem cá ficar.

A Thénardier substituiu imediatamente a fisionomia de enfado pela sua careta amável, transformação própria dos estalajadeiros, e procurou avidamente com os olhos o recém-chegado.

— É o senhor? — perguntou.
— Sim, senhor — respondeu o homem, levando a mão ao chapéu.

Os viajantes ricos não são tão educados. Este gesto e a inspeção do vestuário

e da bagagem do forasteiro, que a Thénardier passou em revista num relance de olhos, fizeram desaparecer a careta amável e reaparecer a cara ríspida. Disse secamente:

— Entre, bom homem.

O «bom homem» entrou. A Thénardier lançou-lhe um segundo olhar, examinando particularmente o seu casacão, completamente coçado, e o chapéu que estava um pouco deformado, e consultou com um abanar de cabeça, com um franzir de nariz, e um piscar de olhos, o marido que continuava a beber com os carroceiros. O marido respondeu por essa impercetível agitação do dedo indicador que, apoiada pelo estender dos lábios, significava num caso destes: miséria completa. Com isto, a Thénardier exclamou:

— Ah! é verdade, honrado homem, sinto muito, mas já não tenho lugar.

— Pode ser onde quiser — replicou o homem —, no alpendre, na cavalaria. Pagarei como se tivesse um quarto.

— Quarenta soldos.

— Seja quarenta soldos.

— Então pode ficar.

— Quarenta soldos! — fez notar um carroceiro em voz baixa à Thénardier —; costuma ser vinte.

— Para ele são quarenta — replicou a Thénardier, no mesmo tom. — Não dou hospedagem a pobres por menos.

— É verdade — acrescentou o marido em voz baixa —, prejudica uma casa, receber gente desta.

Entretanto, o homem, depois de ter deixado o embrulho e o cajado em cima de um banco, tinha-se sentado a uma mesa onde Cosette se apressara a colocar uma garrafa de vinho e um copo. O mercador que pedira o balde de água fora levá-lo ao cavalo. Cosette retomara o seu lugar debaixo da mesa da cozinha e continuara a tricotar.

O homem, que apenas tinha molhado os lábios no copo de vinho e o despejara na garrafa, contemplava a criança com uma atenção estranha.

Cosette era feia. Feliz, talvez tivesse sido bonita. Já esboçámos este pequeno rosto sombrio. Cosette tinha oito anos mas, como era magra e pálida, não lhe davam mais de seis. Os seus grandes olhos, envoltos numa espécie de sombra, quase tinham perdido o brilho à força de tanto chorar. Os cantos da boca tinham aquela curva de angústia habitual, que se observa nos condenados e nos doentes sem esperança de cura. Como estava sempre a tiritar de frio, adquirira o hábito de apertar os joelhos um contra o outro. Todo o seu vestuário não passava de um farrapo, que no verão fazia lástima e no inverno horrorizava. Só trazia no corpo um trapo esfarrapado; nem uma peça de lã. Via-se-lhe a pele aqui e ali, e em todo o corpo se distinguiam manchas azuis ou negras que indicavam os pontos onde a Thénardier lhe batia. As suas pernas nuas estavam vermelhas e arrepriadas. A cavidade formada pelas clavículas fazia dó. Toda a criança, o seu

andar, a sua atitude, o tom da sua voz, os intervalos que fazia entre uma palavra e outra, o seu olhar, o seu silêncio, o seu menor gesto, exprimiam e traduziam uma única ideia: o medo.

O receio espalhava-se por toda ela; estava, por assim dizer, coberta por ele; o medo apertava-lhe os cotovelos contra as ancas, escondia-lhe os calcanhares debaixo das saias, fazia-lhe ocupar o menor espaço possível, só lhe deixava respirar o necessário, e tornara-se o que se podia chamar o hábito do seu corpo, sem variação possível, senão para aumentar. E havia no fundo da sua pupila um canto assustado, onde estava o terror.

Este receio era tal que ao chegar, toda encharcada como estava, Cosette não ousara ir secar-se junto à lareira, e tinha voltado silenciosamente para o seu trabalho.

A expressão do olhar desta criança de oito anos era habitualmente tão triste e por vezes tão trágica que parecia, em certos momentos, que estava em vias de tornar-se uma idiota ou um demónio.

Nunca, como já dissemos, soubera o que era rezar, nunca pusera o pé numa igreja.

— Acham que tenho tempo para isso? — perguntava a Thénardier.

O homem de casacão amarelo não tirava os olhos de Cosette.

— É verdade! E o pão!?

Cosette, segundo o seu costume, todas as vezes que a Thénardier elevava a voz, saía apressadamente de debaixo da mesa.

Tinha-se completamente esquecido do pão. Recorreu, então, ao expediente das crianças sempre assustadas: mentiu.

— Senhora, o padeiro estava fechado.

— Batesses.

— Bati, senhora.

— E então?

— Ele não abriu.

— Amanhã saberei se isso é verdade — ameaçou a Thénardier —; não esqueças que te farei dançar. Até lá, dá-me a moeda de quinze soldos.

Cosette meteu a mão no bolso do avental e ficou petrificada. A moeda não estava lá!

— Então! — gritou a Thénardier —, não me ouviste?

Cosette virou o bolso, mas ele nada tinha. Onde estaria o dinheiro? A infeliz criança não achou uma palavra. Estava petrificada.

— Querem ver que perdeu a moeda! — grunhiu a Thénardier —, ou será que ma queres roubar?

Ao mesmo tempo, estendeu o braço para a palmatória pendurada na chaminé. Este gesto temível deu a Cosette força para gritar:

— Perdão, senhora! Senhora, não voltarei a fazer!

Mas a Thénardier tirou a palmatória.

Entretanto, o homem do casacão amarelo metera a mão no bolso do colete, sem que ninguém tivesse notado esse gesto. Aliás, os outros viajantes bebiam e jogavam às cartas e não prestavam atenção a nada.

Cosette enovelava-se angustiosamente no canto da chaminé, tentando juntar e esquivar os seus pobres membros meio nus. A Thénardier levantou o braço.

— Perdão, senhora — disse o homem —, mas ainda há pouco vi cair qualquer coisa da algibeira do avental desta pequena. Talvez seja isso.

Ao mesmo tempo, baixou-se e pareceu procurar no chão durante uns momentos.

— Justamente. Cá está — tornou ele, erguendo-se.

E estendeu uma moeda de prata à Thénardier.

— Sim, é isso — disse ela.

Não era aquilo, porque se tratava de uma moeda de vinte soldos; mas a Thénardier lucrava, meteu a moeda no bolso, e limitou-se a lançar um olhar feroz à criança, dizendo:

— Que isto não torne a acontecer!

Cosette voltou a recolher-se no que a Thénardier chamava o seu «nicho», e os seus grandes olhos, fixos no viajante desconhecido, começaram a tomar uma expressão que nunca haviam tido. Não era ainda mais do que um espanto ingênuo, mas misturado com uma espécie de confiança estupefacta.

— É verdade, quer cear? — perguntou a Thénardier ao viajante. Este não respondeu. Parecia sonhar profundamente.

«Quem será este homem? — murmurou ela entre dentes. — É algum pobreto que não tem um soldo para cear. Pagar-me-á ao menos a hospedagem? Mesmo assim, foi uma sorte não lhe ocorrer a ideia de roubar o dinheiro que estava no chão.»

Entretanto, abriu-se uma porta e tinham entrado Eponine e Azelma.

Eram, na verdade, duas lindas rapariguinhas, mais burguesas do que camponesas, muito engraçadas, uma com as suas tranças acastanhadas muito luzidias, a outra com os longos cabelos negros caídos pelas costas, ambas vivas, asseadas, gordas, frescas e sadias, que era um gosto vê-las. Vestiam roupas quentes, mas com tal arte maternal, que a espessura das fazendas nada tirava à garridice do vestuário. Providenciara-se para o inverno, sem apagar a primavera. Aquelas duas crianças pareciam irradiar luz. Além disso, tinham modos de rainhas. No seu vestuário, na vivacidade, no ruído que faziam, havia algo de soberania.

Quando entraram, a Thénardier disse-lhes num tom de quem ralha, mas cheio de adoração:

— Ah!, até que enfim aparecem!

Depois, puxando-as para os joelhos, uma a seguir à outra, alisando-lhes os cabelos, atando-lhes as tranças e largando-as em seguida com aquela maneira de sacudir própria das mães, exclamou:

— Têm os vestidos amarrotados!

As duas crianças foram sentar-se junto do lume com uma boneca que volteavam no regaço, com todas as espécies de alegres gorjeios. De vez em quando, Cosette levantava os olhos do trabalho e observava-as a brincar, com ar lúgubre.

Eponine e Azelma não olhavam para Cosette. Para elas, não passava de um cão. As três crianças não perfaziam ainda vinte e quatro anos, entre todas, e já representavam toda a sociedade humana: de um lado, a inveja; do outro, o desdém.

A boneca das irmãs Thénardier, apesar de muito descorada, velha e quebrada, nem por isso parecia menos admirável a Cosette, que nunca na vida tivera uma boneca, *uma verdadeira boneca*, para nos servirmos de uma expressão que todas as crianças compreenderão.

De repente, a Thénardier, que continuava a andar de um lado para o outro na sala, apercebeu-se de que Cosette tinha distrações e de que, em vez de trabalhar, se ocupava a olhar para as pequenas que brincavam.

— Ah!, eu te digo! — gritou ela. — É assim que trabalhas! Pois eu faço-te trabalhar com a palmatória.

O forasteiro, sem se levantar da cadeira, voltou-se para a Thénardier e disse-lhe, sorrindo, quase receoso:

— Ora, senhora, deixe-a brincar!

Da parte de qualquer hóspede que tivesse ceado bem e bebido duas garrafas de vinho, e que não tivesse aspeto de mendigo, semelhante desejo teria sido uma ordem. Mas que um homem com um chapéu daqueles se permitisse ter um desejo, e que um homem com um casacão daqueles se permitisse ter uma vontade, a Thénardier julgava não dever tolerar, e replicou com azedume:

— Já que come, tem de trabalhar. Não a alimento para estar de braços cruzados.

— Que faz ela, então? — replicou o forasteiro, com aquela voz doce que contrastava tão estranhamente com as suas vestes de mendigo e com os ombros de moço de fretes.

A Thénardier dignou-se responder:

— Faz meias para as minhas filhas, que estão quase sem elas, e que não tardarão a andar descalças.

O homem olhou os pobres pés vermelhos de Cosette, e continuou:

— Quando acabará ela esse par de meias?

— Ainda tem para três ou quatro dias bem puxados, a preguiçosa.

— E quanto poderá valer esse par de meias quando estiver acabado?

A Thénardier deitou-lhe um olhar de desprezo.

— Trinta soldos, pelo menos.

— Quer dá-las por cinco francos? — tornou o homem.

— Caramba! — exclamou, rindo, um carroceiro que escutava —; cinco francos? Será possível! Cinco rodas!

O estalajadeiro julgou ser altura de intervir:

— Com certeza, senhor, se é esse o seu desejo, dar-lhe-emos o par de meias por cinco francos. Não sabemos recusar nada aos viajantes.

— Mas tem de pagar já — acrescentou a Thénardier, com o seu modo breve e perentório.

— Compro as meias — respondeu o homem; e acrescentou, tirando do bolso uma moeda de cinco francos que pousou em cima da mesa: — e pago-as.

Em seguida, virou-se para Cosette.

— Brinca, minha filha. O teu trabalho agora pertence-me.

O carroceiro ficou tão espantado com a moeda de cinco francos, que abandonou o copo e correu para ver.

— E é verdade! — exclamou, examinando-a. — Uma verdadeira roda tra-seira! E não é falsa!

O estalajadeiro aproximou-se e meteu silenciosamente a moeda no bolso.

A Thénardier nada tinha a replicar. Limitou-se a morder os lábios, e o seu rosto tomou uma expressão de ódio.

Entretanto, Cosette tremia, e arriscou-se a perguntar:

— Senhora, é verdade que posso brincar?

— Brinca! — respondeu a Thénardier, com voz terrível.

— Obrigado, senhora — disse Cosette.

E enquanto a boca agradecia à Thénardier, todo o seu coraçãozinho agradecia ao viajante.

Thénardier regressara à bebida, e a mulher perguntou-lhe ao ouvido:

— Quem poderá ser este homem de amarelo?

— Já vi milionários que tinham casacos como aquele — respondeu soberanamente Thénardier.

Cosette pousou o trabalho, mas não saiu do lugar, pois mexia-se sempre o menos possível. Tirou de uma caixa pousada atrás alguns farrapos velhos e uma pequena espada de chumbo.

Eponine e Azelma não prestavam qualquer atenção ao que se passava. Acabavam de executar uma operação muito importante; tinham agarrado o gato e lançado fora a boneca, e Eponine, que era a mais velha, enrolava o gatinho, apesar das suas miadelas e contorções, numa infinidade de panos e farrapos vermelhos e azuis. Ao mesmo tempo que se ocupava deste grave e difícil trabalho, dizia à irmã, naquela doce e adorável linguagem infantil cuja graça, semelhante ao esplendor das asas da borboleta, desaparece quando se pretende fixá-la:

— Vês, minha irmã, esta boneca é mais divertida do que a outra. Esta mexe-se, grita, e está quente. Vamos brincar com ela. Eu sou uma senhora, e esta é a minha filha. Vou visitar-te e tu pões-te a observá-la. Pouco a pouco, comesas a ver-lhes os bigodes e ficas muito admirada. Depois, verás as orelhas e o rabo,

e ficarás ainda mais espantada. Dirás: «Ah! meu Deus!» e eu responderei: «Sim, minha senhora, é a minha filha. As meninas agora são assim.»

Azelma escutava Eponine com admiração.

Entretanto, os bebedores tinham começado a entoar uma cantiga obscena que os fazia rir estrondosamente. Thénardier encorajava-os e acompanhava-os.

Tal como as aves com qualquer coisa fazem um ninho, as crianças fazem uma boneca seja com o que for. Enquanto Eponine e Azelma enrodilhavam o gato, Cosette, por seu lado, tinha embrulhado a espada. Feito isto, deixara-a nos braços, e cantava docemente para a adormecer.

A boneca é uma das mais imperiosas necessidades e um dos mais divertidos instintos da infância feminina. Cuidar, enfeitar, vestir, despir, tornar a vestir, ensinar, ralar, embalar, afagar, adormecer, figurar qualquer coisa ou alguém, todo o futuro da mulher está ali. A sonhar e palrar, a fazer pequenos enxovais, coser pequenos vestidos, a criança torna-se adolescente, a adolescente torna-se donzela, e a donzela torna-se mulher. E o primeiro filho prolonga a última boneca.

Uma criança sem boneca é quase tão infeliz e tão completamente impossível como uma mulher sem filho.

Assim, Cosette fizera da espada uma boneca.

A Thénardier aproximara-se do *homem de amarelo*.

«Meu marido tem razão — pensava ela — talvez seja Laffitte. Há ricos tão falsos!»

Foi encostar-se à mesa dele.

— Senhor... — disse ela.

A esta palavra *senhor*, o homem voltou-se. Até então, a Thénardier tinha-o tratado apenas por *bravo homem* e *bom homem*.

— Olhe, senhor — prosseguiu ela, tomando o seu ar adocicado, que ainda era mais horrível do que o ar feroz —, não me importo que a criança brinque; não me oponho, mas isso é por esta vez, porque o senhor é generoso. Ela nada tem de seu; por isso, precisa trabalhar.

— Então a pequena não é sua? — inquiriu o homem.

— Oh! meu Deus! Não, senhor! É uma pobrezita que recolhemos por caridade. Uma espécie de tolinha. Deve ter água na cabeça. Bem vê como ela tem a cabeça grande. Não somos ricos, mas fazemos o que podemos. Temos escrito para a terra dela, mas há seis meses que ninguém responde. Tudo leva a crer que a mãe morreu.

— Ah! — murmurou o homem, voltando a cair na sua meditação.

— Não era uma grande mãe — acrescentou a Thénardier. — Uma mãe que abandona a filha...

Durante toda esta conversa, Cosette, como se um instinto a avisasse que falavam dela, não tirara os olhos da Thénardier. Escutava vagamente, ouvindo aqui e ali algumas palavras.

Entretanto, os bebedores, já a cair de ébrios, repetiam a imunda cantiga

com redobrada alegria. Era um conjunto de ditos infames onde se misturavam a Virgem e o Menino Jesus. A Thénardier fora tomar parte nas gargalhadas. Cosette, debaixo da mesa, olhava o fogo que reverberava no seu olhar fixo; voltara a embalar a espécie de trouxa que fizera e, ao mesmo tempo, cantava em voz baixa:

— A minha mãe morreu! A minha mãe morreu! A minha mãe morreu!

Às novas insistências da estalajadeira, o homem de amarelo, «o milionário», concordou finalmente em cear.

— Que vai querer, então?

— Pão e queijo — respondeu o homem.

«Decididamente, é um maltrapilho» — pensou a Thénardier.

Os bêbedos continuavam a entoar a cantiga, e a criança, sob a mesa, cantava a dela.

De repente, Cosette interrompeu-se. Acabava de voltar-se e avistara a boneca das pequenas Thénardier, que elas tinham abandonado pelo gato, e que estava no chão a alguns passos da mesa da cozinha.

Então, deixou cair a espada entrapada que não satisfazia o seu fim e vagueou lentamente os olhos por toda a sala. A Thénardier falava baixo ao marido, e contava o dinheiro. Ponine e Zelma brincavam com o gato, os viajantes comiam, bebiam ou cantavam, ninguém olhava para ela. Não tinha um momento a perder. Saiu de debaixo da mesa, arrastando-se nos joelhos e nas mãos, assegurou-se mais uma vez de que não era observada, e, depois, deslizou rapidamente até junto da boneca e pegou-lhe. Um instante depois, estava outra vez no seu lugar, sentada, imóvel, apenas voltada de maneira a fazer sombra sobre a boneca que tinha nos braços. A felicidade de brincar com uma boneca era de tal forma rara para ela, que tinha a violência de uma voluptuosidade.

Ninguém a observara, exceto o viajante, que comia lentamente a magra ceia.

Esta alegria durou cerca de um quarto de hora.

Apesar de todas as precauções que Cosette tomara, não se apercebera de que um dos pés da boneca *estava à mostra*, e que o fogo da lareira o iluminava vivamente. Aquele pé cor-de-rosa e luminoso que saía da sombra chamou subitamente a atenção de Azelma, que disse à Eponine:

— Olha, mana!

As duas raparigas pararam, estupefactas. Cosette ousara pegar na boneca! Eponine levantou-se e, sem largar o gato, foi ter com a mãe e puxou-lhe a saia.

— Deixa-me! — disse a mãe. — Que queres?

— Mãe — exclamou a criança —, olha!

E apontou Cosette com o dedo. Cosette, toda ela entregue aos êxtases da posse, não via nem ouvia nada.

O rosto da Thénardier tomou aquela expressão especial, composta ao

aplicar o terrível às ninharias da vida, e que faz com que a esta espécie de mulheres chamemos de megeras. Desta vez, o orgulho ferido exasperava-lhe ainda mais a cólera. Cosette franqueara todas as barreiras, Cosette tinha atentado contra a boneca «daquelas meninas».

Gritou, com uma voz enrouquecida pela indignação:

— Cosette!

Cosette estremeceu como se o chão lhe tremesse debaixo dos pés, e voltou-se.

— Cosette! — repetiu a estalajadeira.

Cosette pegou na boneca e colocou-a cuidadosamente no chão, com uma espécie de veneração misturada ao desespero. Então, sem despegar os olhos dela, juntou as mãos e, o que é terrível de dizer numa criança daquela idade, torceu-as; depois, o que não pudera arrancar-lhe nenhuma das emoções daquele dia — nem a caminhada no bosque, nem o peso do balde de água, nem a perda do dinheiro, nem a ameaça da palmatória, nem mesmo a sombria palavra que ouvira dizer à Thénardier —, Cosette desatou a chorar.

Entretanto, o viajante levantara-se.

— Então, o que é? — perguntou ele à Thénardier.

— Pois não vê? — ripostou a Thénardier, apontando o corpo do delito que jazia aos pés de Cosette.

— Mas que foi? — tornou o homem.

— Pois essa maltrapilha — respondeu a Thénardier — não se permitiu tocar na boneca das crianças!

— Todo este barulho por isso! — zombou o homem. — Que mal faria que ela brincasse com a boneca?

— Tocou-lhe com aquelas mãos imundas! — prosseguiu a Thénardier —; com aquelas mãos horríveis!

Cosette redobrou os soluços.

— Tu calas-te! — gritou a Thénardier.

O homem foi direito à porta da rua, abriu-a, e saiu.

Logo que saiu, a Thénardier aproveitou a ausência para dar a Cosette um tal pontapé por baixo da mesa, que pôs a criança em altos gritos.

A porta voltou a abrir-se, e o homem reapareceu, trazendo nas duas mãos a fabulosa boneca de que já falámos, e que todas as crianças da aldeia contemplavam desde a manhã.

— Toma, é para ti — disse ele, colocando a boneca de pé, diante de Cosette.

É de crer que, estando ali há mais de uma hora, mergulhado na sua meditação, tivesse notado confusamente aquela barraca de quinquilharias, tão profusamente iluminada por lampiões e velas, que se distinguia através das vidraças da taberna como uma luminária.

Cosette levantou os olhos. Vira o homem dirigir-se para ela com aquela boneca, como se tivesse visto chegar o Sol, e ouvira aquelas palavras inauditas:

É para ti. Olhou-o, olhou a boneca, e depois recusou lentamente, indo esconder-se debaixo da mesa, no canto da parede.

Já não chorava, nem gritava, tinha o ar de quem nem sequer ousa respirar.

A Thénardier, Eponine e Azelma estavam como estátuas. Até os bebedores se tinham imobilizado. Fizera-se um silêncio solene em toda a taberna. A Thénardier, petrificada e muda, recomeçava as suas conjeturas:

«Quem será este velho? É um pobre? É um milionário? Talvez seja as duas coisas — ou seja: um ladrão.»

O rosto do estalajadeiro mostrava aquela ruga expressiva que acentua o rosto humano sempre que o instinto dominante nele aparece com todo o seu poder bestial. O taberneiro contemplava alternadamente a boneca e o forasteiro; parecia farejar aquele homem como farejaria um saco de dinheiro. Mas isso não durou mais tempo do que o de um relâmpago. Aproximou-se da mulher, e disse-lhe baixinho:

«Aquilo custou pelo menos trinta francos. Nada de asneiras. Crista baixa diante do homem.»

As naturezas grosseiras e as naturezas ingênuas têm em comum o não terem transição.

— Então, Cosette — disse a Thénardier, com voz que queria tornar doce, mas que se compunha desse mal acre das mulheres más —; não pegas na tua boneca?

Cosette aventurou-se a sair do esconderijo.

— Minha Cosette — tornou a Thénardier, com um ar carinhoso —, o senhor dá-te a boneca. Pega-lhe, que é tua.

Cosette observou a maravilhosa boneca com uma espécie de terror. O seu rosto estava ainda inundado de lágrimas, mas os olhos começavam a encher-se, tal como o céu no crepúsculo da manhã, das estranhas cintilações de alegria. O que ela experimentava naquele momento era um pouco semelhante ao que sentiria se bruscamente lhe dissessem: pequena, és a rainha da França.

Parecia-lhe que se tocasse naquela boneca, sairia dela trovada, o que até certo ponto era verdade, pois esperava que a Thénardier lhe ralhasse — e lhe batesse. Todavia, a atração venceu-a. Acabou por se aproximar e murmurou timidamente, voltando-se para a Thénardier:

— Posso pegar-lhe, senhora?

Nenhuma expressão poderia descrever este ar ao mesmo tempo desesperado, espantado e arrebatado.

— Por Deus! — exclamou a Thénardier —; pois se é tua! O senhor deu-ta!

— Deveras, senhor? — replicou Cosette —, é verdade? É minha, *a senhora*?

O forasteiro parecia ter os olhos cheios de lágrimas. Dir-se-ia ter chegado àquele ponto de emoção em que não se fala para não chorar. Fez um sinal com a cabeça a Cosette, e pôs a mão da *senhora* na sua mãozita.

Cosette retirou a mão com rapidez, como se a da boneca queimasse, e

ficou a olhar para o chão. Somos obrigados a acrescentar que, naquele instante, estendia a língua de uma maneira desmedida. De repente, voltou-se e agarrou na boneca com arrebatamento.

— Vou chamar-lhe Catarina — disse ela.

Foi um momento bizarro, aquele em que os andrajos de Cosette encontraram e abraçaram as fitas e as frescas musselinas cor-de-rosa da boneca.

— Senhora — tornou ela —, posso pô-la em cima da cadeira?

— Sim, minha filha — respondeu a Thénardier.

Agora, eram Eponine e Azelma quem olhava Cosette com inveja. Cosette depôs Catarina numa cadeira, sentou-se no chão diante dela, e ficou imóvel, sem dizer palavra, num gesto de contemplação.

— Brinca, Cosette — disse o forasteiro.

— Oh!, eu estou a brincar — respondeu a criança.

Este estranho, este desconhecido que parecia uma visita enviada pela Providência a Cosette, era naquele momento o que a Thénardier mais odiava no mundo. No entanto, seria preciso conter-se. Estas emoções eram superiores ao que podia suportar, por mais habituada que estivesse à dissimulação, dada a cópia que sempre procurava fazer do marido, em todas as suas ações. Apressou-se a mandar deitar as filhas e, em seguida, pediu ao homem de amarelo *autorização* para mandar também Cosette — que está hoje muito fatigada —, acrescentou ela, com ar maternal. Cosette foi deitar-se, levando Catarina nos braços.

A Thénardier ia de vez em quando ao outro extremo da sala, onde estava o marido, *para aliviar a alma* — dizia ela. Trocava com o marido algumas palavras de tal forma furiosas que não ousava dizê-las alto:

— Maldito velho! Que terá ele nas entranhas? Vir incomodar-nos, aqui! Querer que o monstro da rapariga brinque! Dar-lhe bonecas! Dar bonecas de quarenta francos a uma cadela que eu daria por quarenta soldos! Por pouco lhe chamaria Vossa Majestade, como à duquesa de Berry! Não tem pés nem cabeça! Este misterioso velho está louco!

— Porquê? É muito simples — replicou Thénardier. — Se isso o diverte! A ti, diverte-te que a pequena trabalhe; a ele, diverte-o que ela brinque. Está no seu direito. Um viajante faz o que quer quando paga. Que te importa que o velho seja filantropo? Se é um imbecil, isso não te diz respeito. Que te interessa tudo isso, desde que tenha dinheiro?

Linguagem de mestre e raciocínio de estalajadeiro, que não admitiam nenhuma réplica. O homem encostara-se à mesa e retomara a sua atitude de meditação. Todos os outros viajantes, mercadores e carroceiros, estavam um pouco afastados e já não cantavam. Observavam-no à distância, com uma espécie de receio respeitoso.

Passaram várias horas. A missa do galo acabara, a vigília terminara, os bebedores tinham partido, e a taberna fechara, a sala térrea estava deserta, o fogo

apagara-se, mas o forasteiro continuava no mesmo lugar e na mesma posição. De vez em quando, mudava o cotovelo sobre o qual se apoiava. Mas, desde que Cosette saíra, não dissera uma palavra.

Só os Thénardier, por conveniência e por curiosidade, tinham ficado na sala.

«Será que vai passar assim a noite?» — murmurou a Thénardier.

Quando soaram as duas horas, declarou-se vencida e disse ao marido:

— Vou deitar-me. Faz o que quiseres.

O marido sentou-se à mesa, num canto, acendeu uma vela e leu o *Courrier Français*.

Passou-se assim uma boa hora. O digno estalajadeiro lera já pelo menos três vezes o *Courrier Français*, desde a data até ao nome do tipógrafo. O forasteiro não se mexia.

Thénardier moveu-se, tossiu, cuspiu, assoou-se, fez estalar a cadeira. Nenhum movimento do homem. «Estará a dormir?», pensou Thénardier. O homem não estava a dormir, mas nada o podia despertar. Por fim, Thénardier tirou o chapéu, aproximou-se docemente e aventurou-se a dizer:

— O senhor não quer repousar?

Não vai deitar-se, pareceu-lhe excessivo e familiar. *Repousar* cheirava a luxo, e era respeitoso. Aquelas palavras tinham a misteriosa propriedade de alargar na manhã seguinte o total da conta a pagar. Um quarto onde o viajante *se deita* custa vinte soldos; um quarto onde *repousa*, custa vinte francos.

— É verdade! — disse o forasteiro. — Tem razão. Onde é a vossa cavalaria?

— Senhor — replicou Thénardier, sorrindo —, vou conduzi-lo.

Pegou na vela, o homem pegou no embrulho e no cajado, e Thénardier conduziu-o a um quarto no primeiro andar, que apresentava algum esplendor, todo mobilado de acaju com uma bela cama e cortinas vermelhas de algodão.

— Que é isto? — perguntou o viajante.

— É o nosso próprio quarto de núpcias — respondeu o estalajadeiro. — Eu e a minha mulher dormimos noutro. Só se entra aqui três ou quatro vezes por ano.

— Teria preferido a cavalaria — comentou o homem, bruscamente.

Thénardier fingiu não ter ouvido a pouco obsequiosa reflexão.

Acendeu duas velas ainda novas que se encontravam sobre a lareira, onde crepitava um fogo excelente. Em cima da lareira, sob uma redoma, estava uma grinalda de fios de prata e flores de laranjeira.

— E isto, o que é? — tornou o forasteiro.

— Senhor — explicou o Thénardier —, é a grinalda de noivado da minha mulher.

O viajante observou o objeto com olhar que parecia dizer: «Então, houve tempo em que tal monstro foi virgem!»

No entanto, Thénardier mentia. Quando arrendara aquela casinhota para montar a taberna, encontrara o quarto assim arranjado, comprara os móveis e fizera um alborque com a grinalda de flor de laranjeira, pensando que isso teria um reflexo benéfico na *esposa*, e que daí resultaria para a casa aquilo a que os ingleses chamam *respeitabilidade*.

Quando o viajante se voltou, o hospedeiro desaparecera. Thénardier eclipsara-se discretamente, sem ousar dar as boas-noites, não querendo tratar com cordialidade irrespeitosa um homem a quem se propunha esfolar soberanamente no dia seguinte.

O estalajadeiro retirou-se para o quarto. A mulher estava deitada, mas não dormia. Quando ouviu os passos do marido, voltou-se e disse-lhe:

— Sabes que amanhã pespego com Cosette na rua.

Thénardier respondeu friamente:

— Como andas depressa!

Não trocaram mais nenhuma palavra, e alguns minutos depois a vela apagara-se.

Por seu turno, o viajante depusera a um canto a bengala e a trouxa. Depois de o estalajadeiro sair, sentou-se numa cadeira e permaneceu algum tempo pensativo. Depois, descalçou os sapatos, pegou numa das velas, apagou a outra, abriu a porta e saiu do quarto, olhando em volta como quem procura alguma coisa. Atravessou um corredor e chegou à escada, onde ouviu um ligeiro ruído que se assemelhava à respiração de uma criança. Deixou-se guiar por esse ruído, e chegou a uma espécie de cavidade triangular praticada na escada ou, para melhor dizer, formada por ela. Esta cavidade não era mais do que o vão da escada. Ali, entre toda a espécie de cacos e cestos velhos, no meio do pó e das teias de aranha, havia uma cama, caso se possa chamar cama a uma enxerga toda esburacada, de forma a deixar sair a palha, e uma manta tão esburacada que deixava ver a enxerga. Não tinha lençóis e estava estendida no sobrado. Nesta cama, dormia Cosette.

O homem aproximou-se e contemplou-a. Cosette dormia profundamente. Estava vestida, pois de inverno não se despia, para sentir menos frio.

Mantinha-se abraçada à boneca, cujos grandes olhos abertos brilhavam na escuridão. De tempos a tempos, dava um grande suspiro como se fosse acordar, e apertava a boneca nos braços quase convulsivamente. Ao lado da cama só estava um dos seus tamancos.

Perto do cubículo de Cosette havia uma porta aberta, que deixava ver um quarto escuro, bastante grande. O viajante entrou nele. Ao fundo, através de uma porta vidrada, viam-se duas pequenas camas com lençóis muito brancos. Eram os leitos de Eponine e Azelma. Atrás, mal se divisava um pequeno berço, comum e sem cortinas, onde dormia o pequeno que chorava toda a noite.

O forasteiro conjecturou que aquele quarto comunicava com o dos Thénardier. Ia retirar-se, quando o seu olhar se pousou na lareira. Era uma daquelas grandes lareiras de estalagem, onde há sempre um pequeno braseiro, quando há fogo, mas que são frias à vista. Naquela, não havia nem fogo nem cinza. O que atraiu a atenção do viajante foram dois pequenos sapatos de criança, de forma elegante, e de tamanho desigual; o viajante lembrou-se do gracioso e imemorial costume das crianças deixarem os sapatos na lareira na noite de Natal, para receberem nas trevas algum brilhante presente da sua boa fada. Eponine e Azelma não tinham faltado ao costume, e haviam posto cada uma um sapato na chaminé.

O viajante curvou-se.

A fada — ou seja a mãe — já tinha feito a sua visita e via-se reluzir em cada sapato uma bela moeda de dez soldos, completamente nova.

O homem levantou-se e ia retirar-se, quando divisou ao fundo, e quase escondido, no canto mais obscuro da lareira, um outro objeto. Aproximou-se e viu que era um comum tamanco de madeira, meio partido e todo coberto de cinza e lama seca. Era o tamanco de Cosette. Com aquela enternecedora confiança das crianças, que pode sempre ser iludida sem nunca desanimar, Cosette também colocara um tamanco na lareira.

É uma coisa sublime e doce, a esperança da criança que nunca conheceu senão o desespero.

Não havia nada no tamanco. O forasteiro procurou no colete, curvou-se, e deitou no tamanco um luís de ouro.

Em seguida, voltou para o quarto, em bicos de pés.